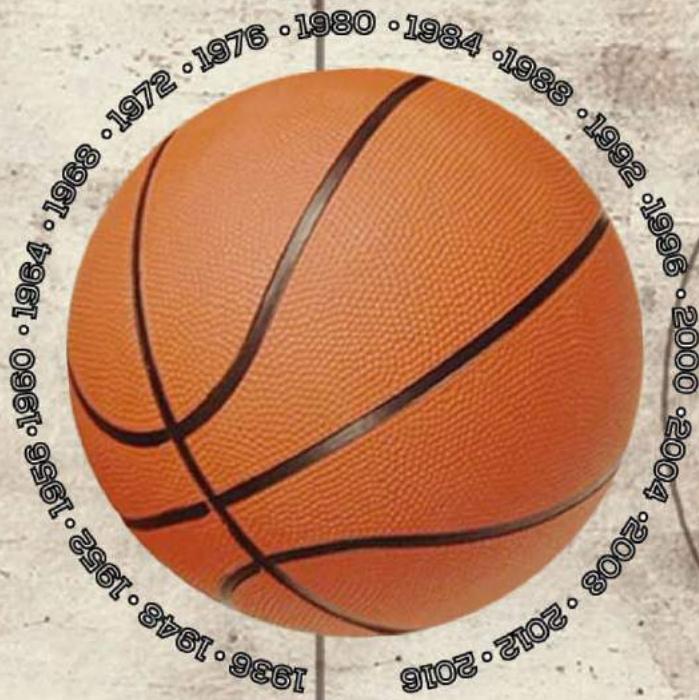


O BASQUETEBOL MASCULINO NOS JOGOS OLÍMPICOS:

HISTÓRIA E A PARTICIPAÇÃO DO BRASIL



DANTE DE ROSE JUNIOR

O BASQUETEBOL MASCULINO NOS JOGOS OLÍMPICOS: HISTÓRIA E A PARTICIPAÇÃO DO BRASIL

doi 10.11606/9788564842359

DANTE DE ROSE JUNIOR

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor	Prof. Dr. Marco Antonio Zago
Vice-Reitor	Prof. Dr. Vahan Agopyan
Pró-Reitora de Graduação	Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandes
Pró-Reitor de Pós-Graduação	Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior
Pró-Reitor de Pesquisa	Prof. Dr. José Eduardo Krieger
Pró-Reitora de Cultura e Extensão Universitária	Prof. Dr. Marcelo de Andrade Roméro

ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES

Diretor	Profa. Dra. Maria Cristina Motta de Toledo
Vice-Diretor	Profa. Dra. Neli Aparecida de Mello-Théry

Escola de Artes, Ciências e Humanidades; Dante De Rose Junior
Rua Arlindo Bettio, 1000
Vila Guaraciaba, São Paulo (SP), Brasil
CEP: 03828-000

Dante de Rose Junior

Editoração / Capa
Ademilton J. Santana

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO
(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

De Rose Junior, Dante

O basquetebol masculino nos Jogos Olímpicos [recurso eletrônico]:
história e a participação do Brasil / Dante De Rose Junior. – São Paulo :
Escola de Artes, Ciências e Humanidades, 2017

1 recurso eletrônico

Modo de acesso ao texto em pdf:

<<http://dx.doi.org/10.11606/9788564842359>>

ISBN 978-85-64842-35-9 (Documento eletrônico)

1. Basquetebol. 2. Basquetebol – Aspectos históricos. 3. Jogos Olímpicos. 4. Basquetebol – Brasil. 5. História do esporte. I. Título

CDD 22. ed. – 796.323

Sumário

Apresentação	5
Prefácio	7
Abreviaturas	9
Introdução	11
História do Basquetebol Masculino no Jogos Olímpicos.....	15
Os primórdios do Basquetebol nos JOGOS OLÍMPICOS.....	17
Todos os países participantes: números e medalhas conquistadas....	18
De Berlim ao Rio de Janeiro: história e números	
do Basquetebol Masculino nos Jogos Olímpicos	25
As finais olímpicas	82
A evolução dos resultados	83
Os grandes técnicos	84
Brasil nos Jogos Olímpicos.....	87
História e números	89
Os Adversários - curiosidades.....	106
Nossos rapazes olímpicos – medalhistas.....	107
Os técnicos	111
A arbitragem brasileira.....	111
Fatos marcantes e curiosidades	113
Referências	122
Sobre o Autor.....	125



Este livro contém muitos anos de história do basquetebol nos Jogos Olímpicos, a maior festa do esporte mundial.

Fruto de um constante interesse pelo tema, comecei a remexer no “baú” bibliográfico que eu posso e me surpreendi com a quantidade e a qualidade de informações que estavam ali presentes.

E então veio a ideia: porque não reunir essas informações e produzir uma obra que pudesse de alguma forma trazer à tona a história do basquetebol nos Jogos Olímpicos desde a primeira edição em que foi apresentado como esporte de demonstração, em 1904 em Saint Louis (Estados Unidos), até a recente edição dos Jogos no Rio de Janeiro, em 2016.

À medida que pesquisava e escrevia eu percebi quantas coisas interessantes aconteceram ao longo dos anos. Quantas mudanças nos resultados, os países participantes, os medalhistas e até mesmo aqueles países que apareceram uma única vez e sumiram do cenário mundial.

Lembrar de fatos interessantes, de disputas incríveis, de rivalidades, de resultados incomuns foi cada vez mais aguçando minha vontade de produzir esta obra.

E, como não poderia deixar de ser, mostrar o Brasil neste cenário. Um Brasil com um passado glorioso, com atletas fantásticos, com recordes e com suas três maravilhosas medalhas de bronze.

Todos os atletas, técnicos e árbitros que tão bem representaram nosso basquetebol, apesar de alguns momentos não tão felizes, têm um espaço especial neste relato.

Espero que, com este livro, possamos resgatar um pouco da história do basquetebol. Da nossa história. Da história de todos que amam este esporte e por ele dedicam boa parte de sua vida.

Dante De Rose Junior



Querido amigo Dante

Sinto-me muito honrado em prefaciar essa magnifica obra muito bem idealizada e realizada pelo meu grande amigo de profissão e de vida.

Quando o meio esportivo brasileiro reclama da falta de memória do desporto nacional, eis aqui, para nosso deleite, uma obra completa, digna de total credibilidade, confiança e fé.

Escrever um trabalho como esse nunca será fácil. As minúcias colocadas nesse trabalho são ricas em detalhes definitivos, sem prenúncios de mostras preferenciais ou favoráveis a qualquer tipo de interpretação não idônea.

Embora eu tenha participado em vida de 12 jogos olímpicos: 4 como atleta e 8 como comentarista de basquetebol em duas prestigiadas emissoras da televisão brasileira (Rede Manchete e Espn), fartei-me em ler e aprender importantes detalhes antes por mim ignorados.

Fico muito feliz em ser o escolhido para escrever esse prefácio. É uma honra para poucos se considerarmos a sua importância acadêmica e esportiva, tão necessária às pesquisas e aos interesses das comunidades afins.

Confesso ser a primeira vez que me presto a esse tipo de depoimento. Entretanto jamais poderia faltar com esse compromisso à mim especialmente dedicado. Portanto, é com muito prazer que abro essas páginas de saudáveis sabores e de interesses múltiplos. Toda história se faz em capítulos, esse é o primeiro, mas sempre esperando ansiosamente pelo próximo.

Obrigado amigão, você nos presenteia mais uma vez com a sua inteligência e a sua capacidade de criação. Sua história no esporte nacional o dignifica e o personifica a ser sempre um desbravador de ideias, propósitos e objetivos.

Glória à DEUS. Essa obra merece todas as nossas mais belas e consideráveis homenagens.

Parabéns do amigo de sempre: Wlamir Marques.



Para facilitar a leitura, os países, serão apresentados com suas abreviaturas.

Alemanha	Ale	Irlanda	Irl
Angola	Ang	Itália	Ita
Argentina	Arg	Iugoslávia	Iug
Austrália	Aus	Japão	Jap
Bélgica	Bel	Letônia	Let
Brasil	Bra	Lituânia	Lit
Bulgária	Bul	Marrocos	Mar
Canadá	Can	México	Mex
Comunidade dos Estados Independentes	Cei	Nigéria	Nig
Chile	Chi	Nova Zelândia	Nzl
China	Chn	Panamá	Pan
Coreia do Sul	Cor	Peru	Per
Croácia	Cro	Polônia	Pol
Cuba	Cub	Porto Rico	Pri
Egito	Egi	Rep. Centro Africana	Rca
Espanha	Esp	Rússia	Rus
Estônia	Est	Senegal	Sng
Estados Unidos	Eua	Sérvia**	Srv
Filipinas	Fil	Singapura	Sin
Finlândia	Fin	Suécia	Sue
Formosa	For	Suíça	Sui
França	Fra	Tchecoslováquia	Tch
Grã-Bretanha	Gbr	Thailândia	Tha
Grécia	Gre	Tunísia	Tun
Hungria	Hun	Turquia	Tur
Índia	Ind	União Soviética*	Urss
Irã	Ira	Uruguai	Uru
Iraque	Iraq	Venezuela	Vnz

*União Soviética foi a denominação até 1988. Em 1992 o país se apresentou sob a bandeira da Comunidade dos Estados Independentes para então passar a ser denominado como Rússia.

** A Sérvia passou a se apresentar como tal a partir dos JO de 2004. Até então o país era a Iugoslávia.



Introdução

Discorrer sobre o basquetebol masculino no Jogos Olímpicos* é fazer uma deliciosa viagem pela história desta modalidade esportiva, revisitando grandes momentos, jogos, equipes, atletas, técnicos e árbitros que marcaram seu nome definitivamente no cenário mundial.

Percebe-se que, ao longo do tempo, o basquetebol olímpico foi passando por mudanças significativas na forma de seleção dos países participantes e também dos sistemas de disputa, tentando sempre atender a dois preceitos básicos: permitir a participação dos diferentes continentes, e ao mesmo tempo, manter o nível de excelência da competição.

O primeiro preceito oferece a oportunidade de participação a países com pouca expressão no cenário mundial do basquetebol. Na Ásia, a China tem se aproveitado dessa oportunidade de forma marcante, participando frequentemente dos JO, superando o Japão e Filipinas que há muito perderam espaço no basquetebol masculino. Na África, Angola tem se destacado atualmente, sucedendo o Egito que em épocas passadas era frequentador habitual do basquetebol olímpico. A Austrália tem sido quase que uma exclusividade na representação da Oceania, apesar da eventual aparição da Nova Zelândia. Inclusive a situação da Oceania é motivo de muitas críticas, pois o continente se apresenta somente com seus dois representantes em detrimento de países americanos e europeus que brigam de forma ferrenha por uma das escassas vagas disponíveis para os Jogos.

Aliás o sistema de classificação que mudou significativamente ao longo do tempo, será novamente remodelado, com um possível aumento de vagas para dar a países com forte basquetebol a oportunidade de estar entre os ungidos pelo “olímpo”.

Fica evidente que europeus e americanos são a maioria no quadro final do basquetebol olímpico. Em um contexto maior podemos considerar que a Europa passou a ter uma maior participação do que as Américas a partir da década de 1960, com exceção dos Estados Unidos, país presente em quase todas as disputas finais.

Até o início da década de 1960 países como o Canadá, Chile, México, Uruguai e Brasil chegaram a ter destaque nos JO, juntamente Estados Unidos, União Soviética e Iugoslávia. Mas a partir de então Europa mostrou sua força com países que consolidavam sua posição e outros que emergiam como Sérvia e Croácia (provenientes da separação da Iugoslávia), Rússia, Lituânia, Espanha, França, Itália e Grécia.

Nos anos 2000 a esses países com muita tradição no basquetebol juntou-se a Argentina que, com uma geração espetacular de atletas, conseguiu furar o bloqueio norte-americano, soviético e iugoslavo e venceu a competição em 2004 mudando o cenário e mostrando ao mundo que era possível desafiar os grandes favoritos.

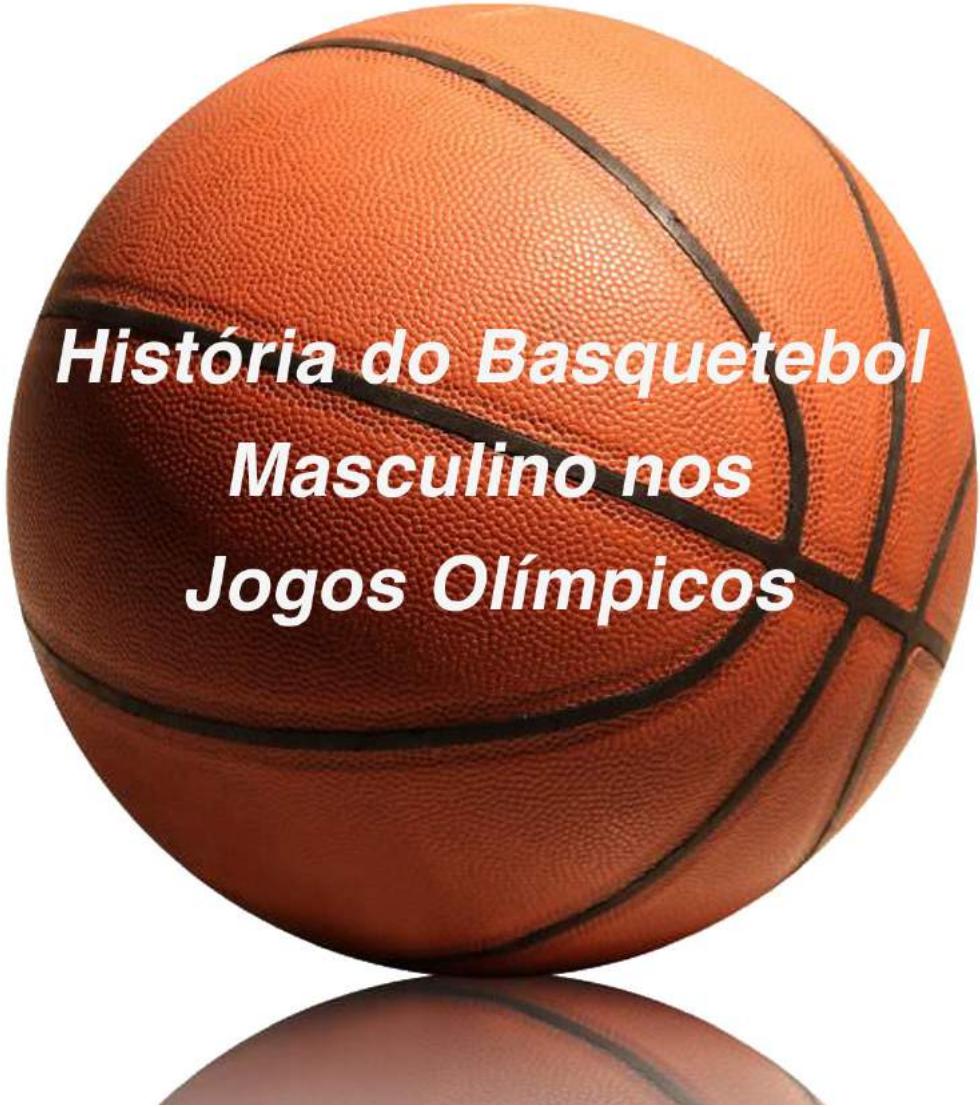
Um outro aspecto que mudou o cenário do basquetebol masculino nos JO foi a profissionalização do esporte, mais notadamente com a entrada, em 1992, dos atletas da NBA na competição. Com isto, não só os Estados Unidos se beneficiaram, mas muitos países que passaram a ter seus talentos reconhecidos pelo melhor basquetebol

do mundo, fazendo com que o nível da competição se elevasse cada vez mais.

O Brasil, por sua vez, teve uma posição de destaque nos JO, com três medalhas de bronze e sempre mostrando um basquetebol de altíssimo nível. No entanto, após os Jogos de 1996 o país conheceu uma fase negativa ficando de fora das edições de 2000, 2004 e 2008, voltando somente em 2012 com um honroso 5º lugar. Já no Rio de Janeiro, a esperança de conseguir uma nova medalha foi desfeita por uma campanha decepcionante, culminando com a desclassificação já na primeira fase.

E assim caminha o basquetebol nos JO. Algumas certezas, algumas surpresas, mas muita emoção. Emoção que está refletida nas conquistas, nas decepções, nos fatos marcantes e nos personagens que fazem do basquetebol masculino uma atração de primeira linha.

* Nos textos o termo Jogos Olímpicos será daqui em diante referenciados como JO



*História do Basquetebol
Masculino nos
Jogos Olímpicos*

Os primórdios do Basquetebol nos JOGOS OLÍMPICOS

Os JO da era moderna tiveram sua primeira edição em 1896, na Grécia, quando 13 países disputaram modalidades esportivas individuais, entre elas o atletismo, ciclismo, ginástica, lutas e tênis.

Em 1900, em Paris, pela primeira vez as modalidades coletivas eram incluídas no programa oficial dos jogos. Essas modalidades foram: polo aquático, rúgbi e críquete. Em 1904 foi a vez do futebol e, em 1920, o hóquei na grama. Com o passar dos anos várias modalidades esportivas foram incluídas e excluídas dos jogos e algumas foram mantidas nos programas oficiais, em função dos atrativos e interesses da própria modalidade e também da mídia e do público.

Ao contrário do que muitos pensam e do que encontramos na literatura, o Basquetebol estreou nos JO em 1904, em Saint Louis (Estados Unidos) sob o título de Campeonato Mundial Olímpico Basquetebol.

Aliás os Jogos de St. Louis foram considerados os piores da história por sua péssima organização e baixo desempenho dos atletas da época. Eles foram realizados concomitantemente à Feira Mundial o que deixou a competição relegada a um segundo plano. Mas também foram os jogos que marcaram a primeira aparição de países africanos e também pela primeira vez foram distribuídas as medalhas de ouro, prata e bronze.

O Basquetebol foi incluído como modalidade de demonstração e contou somente com equipes norte-americanas representando clubes e entidades: Buffalo German YMCA; Chicago Central YMCA; Xavier Athletic Club de N. Iorque; Turner Tigers de Los Angeles e Missouri Athletic Club.

A competição foi realizada em dois dias (15 e 16 de julho) e teve 5 jogos e 2 WOs. Os jogos foram os seguintes:

Buffalo 97 x 8 Missouri; Chicago 56 x 15 Xavier; Buffalo 77 x 6 Tigers; Buffalo 36 x 28 Xavier; Buffalo 39 x 28 Chicago; Chicago venceu dois jogos por WO contra Tigers e Missouri.

Com estes resultados o Buffalo tornou-se o primeiro “campeão olímpico” da história.

Depois desta primeira tentativa de incluir oficialmente o Basquetebol no programa dos JO, somente em 1936 o fato tornou-se realidade, mas somente para o masculino. Por motivos não muito claros, o feminino somente seria incluído quarenta anos depois, em 1976, nos JO de Montreal no Canadá.

A partir de 1936, o basquetebol tornou-se uma das cinco modalidades olímpicas mais populares, levando um grande número de aficionados aos jogos e abrangendo um grande número de espectadores nas transmissões pela tv.

Todos os países participantes: números e medalhas conquistadas

Desde sua primeira edição em Berlim até os Jogos Rio 2016, o basquetebol olímpico contou com a participação de 56 países. Em Berlim foram 21 participantes e em Londres, 23. De 1952 (Helsinque) a 1980 (Moscou) o número de participantes foi limitado em 16, sendo reduzido para 12, nos Jogos de Los Angeles (1984), número que permanece até hoje.

A redução do número participantes estipulada pela FIBA e pelo COI traz um problema muito sério pois, em função dos critérios de reserva de vagas (uma por continente e as demais definidas em torneio pré-olímpicos continentais e um pré-olímpico mundial) muitos países fortes e tradicionais não conseguem participar dos JO. Como exemplo, pode-se destacar a ausência de países como Rússia, Itália e Grécia na edição de 2016.

No entanto a organização dos jogos, por intermédio da FIBA, já anunciou modificações no sistema classificatório, procurando aumentar as chances de países mais tradicionais em participar das Olimpíadas.

O país com maior número de participações são os Estados Unidos (18 em 19 edições). Os norte-americanos ficaram de fora somente dos Jogos de 1980 em função do boicote aos JO de Moscou.

O quadro 1 mostra a lista completa dos países e suas participações, lembrando que para efeito deste cálculo União Soviética, Rússia e Comunidade dos Estados Independentes foram considerados separadamente já que a URSS disputou os JO de 1952 a 1988, CEI em 1992 e Rússia a partir de 2000. Esse mesmo critério foi adotado em relação a Iugoslávia e Sérvia. A Iugoslávia disputou as edições de 1936 a 2000, enquanto a Sérvia estreou em 2004 e voltou em 2016. No caso da Tchecoslováquia esse critério foi desnecessário pois a República Tcheca e a Eslováquia nunca obtiveram classificação para os Jogos após a divisão do país.

Quadro 1: participações (#) dos países nos JO

#	Países
18	Estados Unidos
15	Brasil
14	Austrália
12	Espanha
11	China – Itália
10	Iugoslávia
9	Canadá – Porto Rico – França – União Soviética
7	Egito – México – Filipinas – Tchecoslováquia – Uruguai – Argentina – Lituânia
6	Coreia do Sul – Cuba – Japão – Polônia
5	Alemanha – Angola
4	Chile – Bulgária – Hungria – Croácia
3	Grécia – Peru – Senegal – Rússia
2	Bélgica – Finlândia – Grã Bretanha – Irã – Nova Zelândia – Suiça – Nigéria – Sérvia – Venezuela
1	Estônia – Formosa – Índia – Iraque – Irlanda – Letônia – Marrocos – Panamá – República Centro Africana – Singapura – Suécia – Tailândia – Tunísia – Turquia – CEI

Participações por continente:

África	20 – 7 países
Américas	88 – 12 países
Ásia	37 – 10 países
Europa	110 – 25 países
Oceania	16 – 2 países

Os Estados Unidos também são os maiores medalhistas dos JO. Os norte-americanos estiveram no pódium em todas as suas participações, obtendo 15 medalhas de ouro, 1 de prata e 2 de bronze.

Além dos norte-americanos outros 15 países tiveram o privilégio de subir ao pódio e somente três chegaram ao topo com a medalha de ouro:

União Soviética	9 (2 O – 4 P – 3 B)
Iugoslávia	6 (1 O – 4 P – 1 B)
Espanha	4 (3 P – 1 B)
Brasil	3 (3 B)
Lituânia -	3 (3 B)
Argentina -	2 (1 O – 1 B)
França -	2 (2 P)
Itália -	2 (2 P)
Uruguai -	2 (2 B)
Croácia -	1 (1 P)
Sérvia -	1 (1 P)
Canadá -	1 (1 P)
México -	1 (1 B)
Cuba -	1 (1 B)
Rússia -	1 (1 B)

Quadro 2 – medalhistas de cada edição dos JO

Edição	Ouro	Prata	Bronze
1936	Estados Unidos	Canadá	México
1948	Estados Unidos	França	Brasil
1952	Estados Unidos	União Soviética	Uruguai
1956	Estados Unidos	União Soviética	Uruguai
1960	Estados Unidos	União Soviética	Brasil
1964	Estados Unidos	União Soviética	Brasil
1968	Estados Unidos	Iugoslávia	União Soviética
1972	União Soviética	Estados Unidos	Cuba
1976	Estados Unidos	Iugoslávia	União Soviética
1980	Iugoslávia	Itália	União Soviética
1984	Estados Unidos	Espanha	Iugoslávia
1988	União Soviética	Iugoslávia	Estados Unidos
1992	Estados Unidos	Croácia	Lituânia
1996	Estados Unidos	Iugoslávia	Lituânia
2000	Estados Unidos	França	Lituânia
2004	Argentina	Itália	Estados Unidos
2008	Estados Unidos	Espanha	Argentina
2012	Estados Unidos	Espanha	Rússia
2016	Estados Unidos	Sérvia	Espanha

Nas 19 edições dos Jogos Olímpicos aconteceram 959 partidas. Nestas não estão computados 22 WOs.

Relação dos WOs (entre parêntesis o país ausente nos jogos):

1936 – Estados Unidos x Espanha, Alemanha x Espanha (Espanha)*; Tchecoslováquia x Hungria, Brasil x Hungria (Hungria)*; Polônia x Peru, Uruguai x Peru, Itália x Peru (Peru)**

1948 – Suiça x Iraque (Iraque)**; Bélgica x Hungria, Irã x Hungria, Argentina x Hungria (Hungria)**

1960 – Hungria x Bulgária, Filipinas x Bulgária, Porto Rico x Bulgária (Bulgária)**

1972 – Filipinas x Egito (Egito)**

1976 – Itália x Egito, México x Egito, Japão x Egito, Porto Rico x Egito, Estados Unidos x Egito, Iugoslávia x Egito (Egito)**

*Como Espanha e Hungria não compareceram aos JO apesar de inscritos, as vitórias dos países envolvidos não foram computadas pela FIBA

**Como os países que deram WO jogaram partidas durante as competições, as vitórias dos países envolvidos foram computadas pela FIBA

No quadro 3 podemos observar o número de jogos, vitórias, derrotas e aproveitamentos de todos os países participantes dos JO de acordo com o site oficial da FIBA (www.archive.fiba.com). A ordem foi estabelecida a partir do maior número de jogos disputados.

Quadro 3: total de jogos (T), Vitórias (V), Derrotas (D), Percentual de Aproveitamento (%) de todos os países que participaram dos JO.

País	T	V	D	%
Eua	143	138	5	96,5
Bra	111	63	48	56,8
Aus	105	52	53	49,5
Esp	93	52	41	55,9
Ita	87	52	35	59,7
Iug	80	60	20	75,0
Urss	74	61	13	82,4
Pri	72	34	38	47,2
Chn	70	18	52	25,7
Can	62	33	29	53,2
Fra	61	31	30	50,8
Uru	54	28	26	51,8
Arg	53	33	20	62,2
Lit	52	33	19	63,5
Mex	50	27	23	54,0
Fil	50	22	28	41,7
Pol	48	22	26	45,8
Cor	47	8	39	17,0
Tch	44	22	22	50,0
Cub	42	20	22	47,6
Jap	42	12	30	28,5
Egi	42	3	39	7,1
Ale	33	9	24	27,3
Ang	31	3	28	9,7
Bul	31	14	17	45,1
Cro	28	16	12	57,1
Hun	28	12	16	42,8
Chi	26	12	14	46,2

País	T	V	D	%
Sng	24	2	22	8,3
Gre	21	12	9	57,1
Per	21	09	12	42,8
Rus	20	10	10	50,0
Srv	14	6	8	42,9
Gbr	12	2	10	16,6
Fin	12	4	8	33,3
Nzl	12	2	10	16,7
Ira	11	1	10	9,1
Vnz	12	3	9	25,0
Nig	10	2	8	20,0
Sui	10	3	7	30,0
Bel	9	4	5	44,4
Mar	9	0	9	0,0
Pan	9	2	7	22,2
Cei	8	5	3	62,5
For	8	5	3	62,5
Rca	7	2	5	28,6
Ind	7	0	7	0,0
Sin	7	2	5	28,6
Sue	7	3	4	42,9
Tha	7	0	7	0,0
Irl	6	0	6	0,0
Irq	6	0	6	0,0
Tun	5	0	5	0,0
Est	3	1	2	33,3
Let	3	1	2	33,3
Tur	2	0	2	0,0

Jogos, vitórias, derrotas e aproveitamento por continente (incluídos os WOs)

África 128 – 12 – 116 – 9,4%

Américas 655 – 401 – 254 – 61,2%

Ásia 256 – 69 – 187 – 27%

Europa 788 – 436 – 352 – 55,3%

Oceania 117 – 54 – 63 – 46,2%



*De Berlim ao Rio de Janeiro:
História e números do
Basquetebol Masculino nos
Jogos Olímpicos*

BERLIM - 1936

A primeira edição do basquetebol em JO contou com a participação de vinte e uma equipes. Ainda não havia um sistema classificatório para definir participantes e o torneio foi disputado em quadras descobertas com piso de cimento ou terra batida e tabelas de madeira. Algumas partidas foram realizadas sob fortes chuvas. A primeira partida dos JO teve o “bola ao alto” executado pelo criador do basquetebol James Naismith. O jogo foi entre Estônia e França com vitória da Estônia por 34x29. A final entre Estados Unidos e Canadá (19x8) é, juntamente, com a partida Uruguai x Bélgica (17x10) uma das partidas com a menor contagem acumulada na história dos Jogos.

Em 1936 começava a saga vitoriosa da equipe norte-americana, fato que perdurou até 1972 quando os Estados Unidos perderam uma final polêmica contra seu maior rival na época, a União Soviética.

Foram realizados: 40 jogos

Bra	32	x	14	Chn	Let	20	x	17	Uru
Can	24	x	17	Bra	Mex	32	x	9	Bel
Can	34	x	23	Let	Mex	32	x	10	Egi
Can	27	x	9	Sui	Mex	28	x	22	Jap
Can	43	x	21	Uru	Mex	34	x	17	Ita
Can	42	x	15	Pol	Mex	26	x	12	Pol
Chi	30	x	16	Tur	Per	35	x	22	Egi
Chi	23	x	18	Bra	Per	29	x	21	Chn
Chn	45	x	38	Fra	Phi	32	x	30	Mex
Egi	33	x	23	Tur	Phi	39	x	22	Est
Est	34	x	29	Fra	Phi	32	x	14	Ita
EUA	52	x	28	Est	Phi	33	x	23	Uru
EUA	56	x	23	Fil	Pol	28	x	23	Let
Eua	25	x	10	Mex	Pol	33	x	25	Bra
EUA	19	x	8	Can*	Sui	25	x	18	Ale
Ita	44	x	28	Pol	Sui	25	x	12	Tch
Ita	58	x	16	Ale	Tch	20	x	9	Ale
Ita	27	x	19	Chi	Uru	17	x	10	Bel
Jap	35	x	19	Chn	Uru	36	x	23	Egi
Jap	43	x	31	Pol	Uru	28	x	19	Tch

Média de pontos: 32,8 x 19,1

Cestinha: não há registro * Menor contagem em uma final



Classificação Final (vitórias-derrotas)



1º Estados Unidos (5-0)

2º Canadá (5-1)

3º México (5-2)

4º Polônia (3-4)

5º Filipinas (4-1)

6º Uruguai (4-3)

7º Itália (4-2)

8º Peru (2-3)

9º a 21º: Alemanha (0-3), Brasil (1-3), Chile (2-1),
Tchecoslováquia (1-2), Japão (2-1), Suiça (1-2),
Egito(1-3) , Estônia (1-2), França (0-2), Turquia(0-2),
Letônia(0-2), China (1-3), Bélgica (0-2)



LONDRES - 1948

Assim como em 1936, a participação das equipes no torneio de basquetebol era feita mediante inscrição, ou convite, sem qualquer critério classificatório. Dos cinquenta países inscritos na FIBA, vinte e três participaram dos Jogos de Londres, em 1948.

A superioridade norte-americana era patente e países do continente americano se sobressaíram como o Brasil, México, Uruguai e Chile que ocuparam do 3º ao 6º lugares respectivamente. Ainda havia Canadá e Peru que ficaram com a 9ª e 10ª colocações. Nessa competição o Brasil obteria a primeira medalha olímpica em um esporte coletivo. A equipe comandada pelo Prof. Moacyr Daiuto conseguiu um espetacular 3º. Lugar ao derrotar o México.

Foram realizados 84 jogos

Uru	69	x	17	Gbr	Egi	31	x	29	Sui
Bra	45	xp	41	Hun	Eua	61	x	33	Per
Can	55	x	37	Ita	Tch	45	x	41	Arg
Bra	36	x	32	Uru	Fra	62	x	30	Ira
Can	44	x	24	Gbr	Mex	39	x	31	Cub
Hun	32	x	19	Ita	Mex	71	x	9	Irl
Bra	76	x	11	Gbr	Fra	37	x	31	Cub
Hun	37	x	36	Can	Mex	56	x	42	Fra
Uru	46	x	34	Ita	Ira	49	x	22	Irl
Ita	49	x	28	Gbr	Mex	68	x	27	Ira
Uru	49	x	31	Hun	Cub	88	x	25	Irl
Bra	57	x	35	Can	Cub	63	x	30	Ira
Hun	60	x	23	Gbr	Fra	73	x	14	Irl
Bra	47	x	31	Ita	Chn	42	x	34	Sui
Can	52	x	50	Uru	Gbr	45	x	21	Irl
Fil	102	x	30	Irq*	Ita	77	x	28	Irq
Cor	29	x	27	Bel	Chn	54	x	25	Gbr
Chi	44	x	39	Chn	Ita	35	xp	33	Egi
Chi	100	x	18	Irq	Sui	55	x	12	Irl
Fil	35	x	33	Cor	Egi	50	x	18	Gbr
Chn	36	x	34	Bel	Ita	54	x	38	Chn

Chi	68	x	39	Fil		Can	81	x	25	Ira
Bel	98	x	20	Irq		Per	45	xp	40	Cub
Chn	49	x	48	Cor		Fil	45	x	43	Arg
Bel	38	x	36	Chi		Can	45	x	40	Bel
Cor	120	x	20	Irq**		Per	40	x	29	Fil
Fil	51	x	32	Chn		Cub	35	x	34	Arg
Bel	35	x	34	Fil		Bel	38	x	34	Fil
Chn	125	x	25	Irq**		Cub	70	x	36	Ira
Cor	28	x	21	Chi		Can	49	x	43	Per
Eua	86	x	21	Sui		Eua	63	x	28	Uru
Tch	38	x	30	Per		Mex	43	x	32	Cor
Arg	57	x	38	Egi		Fra	53	xp	52	Chi
Per	52	x	27	Egi		Bra	28	x	23	Tch
Arg	49	x	23	Sui		Eua	71	x	40	Mex
Eua	53	x	28	Tch		Fra	43	x	33	Bra
Per	49	x	19	Sui		Chi	38	x	36	Tch
Eua	59	x	57	Arg		Uru	45	x	36	Cor
Tch	52	x	38	Egi		Bra	52	x	47	Mex
Eua	66	x	28	Egi		Uru	50	x	32	Chi
Tch	54	x	28	Sui		Tch	39	x	38	Cor
Arg	42	x	34	Per		Eua	65	x	21	Fra

Média de pontos: 54,3 x 30,9

Cestinha: Adésio Lombardo (URU) – 20,9 pts/partida

*Primeira contagem centenária dos JO

**Maiores diferenças de pontos na história dos JO

Xp- Jogos com prorrogação



Classificação Final (vitórias-derrotas)



1º Estados Unidos (8-0)	12º Filipinas (3-5)
2º França (5-3)	13º Cuba (4-3)
3º Brasil (7-1)	14º Iran (2-5)
4º México (5-2)	15º Argentina (5-3)
5º Uruguai (5-2)	16º Hungria (3-5)
6º Chile (3-5)	17º Itália (4-4)
7º Tchecoslováquia (5-2)	18º China (5-3)
8º Coreia do Sul (3-5)	19º Egito (1-5)
9º Canadá (5-1)	20º Grã-Bretanha (1-6)
10º Perú (3-3)	21º Suiça (1-6)
11º Bélgica (4-3)	22º Iraque (0-6)
	23º Irlanda (0-6)

HELSINKI - 1952

A partir de 1952, em Helsinki, a FIBA passou a limitar a participação em 16 países utilizando o seguinte critério: seis primeiros classificados nos jogos anteriores, Campeão Mundial, dois primeiros classificados do campeonato europeu, país sede e seis equipes classificadas em um torneio pré-olímpico que foi realizado em Londres dias antes dos Jogos. Foi a primeira aparição da União Soviética e também pela primeira vez foram utilizadas as tabelas de vidro. Novamente os sul-americanos tiveram grande destaque com o Uruguai ficando com o bronze, a Argentina em 4º lugar, Chile e Brasil em 5º e 6º lugares, respectivamente.

Foram realizados 44 jogos

Eua	66	x	48	Hun	Fra	52	x	43	Chi
Uru	53	xp	51	Tch	Egi	66	x	55	Cub
Uru	70	x	56	Hun	Bra	75	x	44	Chi
Eua	72	x	47	Tch	Eua	86	x	58	Urss
Tch	63	x	39	Hun	EUA	103	x	55	Chi
Eua	57	x	44	Uru	Urss	54	x	49	Bra
Urss	74	x	46	Bul	Eua	57	x	53	Bra
Mex	66	x	48	Fil	Urss	78	x	60	Chi
Bul	52	x	44	Mex	Arg	100	x	56	Bul
Urss	47	x	35	Fin	Fra	68	x	66	Uru
Bul	65	x	64	Fin	Uru	62	x	54	Bul
Urss	71	x	62	Mex	Arg	61	x	52	Fra
Arg	85	x	59	Fil	Bul	67	x	58	Fra
Bra	57	x	55	Can	Uru	66	xp	65	Arg
Bra	71	x	52	Fil	Bra	59	x	44	Fra
Arg	82	x	81	Can	Chi	60	x	53	Bul
Fil	81	x	65	Can	Eua	85	x	76	Arg
Arg	72	x	56	Bra	Urss	61	x	57	Uru
Fra	92	x	64	Egi	Bul	58	x	44	Fra
Chi	53	x	52	Cub	Chi	58	x	49	Bra
Chi	74	x	46	Egi	Uru	68	x	59	Arg
Fra	58	x	42	Cub	Eua	36	x	25	Urss

Média de pontos: 67,3 x 53,0

Cestinha: Mrazek (Tch) – 22,0 pts/partida



Classificação final (vitórias-derrotas)



1º Estados Unidos (8-0)

2º União Soviética (6-2)

3º Uruguai (5-3)

4º Argentina (5-3)

5º Chile (4-4)

6º Brasil (4-4)

7º Bulgária (4-4)

8º França (4-4)

9º a 12º: Egito (1-2), Filipinas (1-2), México (1-2), Tchecoslováquia (1-2),

13º a 16º: Canadá (0-3), Cuba (0-3), Finlândia (0-3), Hungria (0-3),



Em Melbourne foram mantidas as 16 vagas para participar dos JO. E novamente países da América do Sul fariam grande papel com Uruguai, Brasil e Chile obtendo, respectivamente, o 3º, 6º e 8º lugares. Os Estados Unidos se firmariam como a grande potência do basquetebol e surgiria um dos maiores atletas do basquetebol de todos os tempos: Bill Russel. Estados Unidos e União Soviética repetiriam a final de 1952 e esta se repetiria ainda em 1960, 1964 e 1972.

Foram realizados 56 jogos

Fil	55	x	44	Tha	Urss	87	x	68	Bra
Eua	98	x	40	Jap	Urss	66	x	55	Bul
Eua	101	x	29	Tha	Eua	113	x	51	Bra
Fil	77	x	61	Jap	Eua	85	x	55	Urss
Jap	70	x	50	Tha	Bul	82	x	73	Bra
Eua	121	x	53	Fil	For	67	x	64	Sin
Urss	97	x	59	Can	Aus	87	x	48	Tha
Fra	81	x	54	Sin	Sin	62	x	50	Tha
Can	85	x	58	Sin	For	86	x	73	Aus
Fra	76	x	67	Urss	For	65	x	52	Tha
Urss	91	x	42	Sin	Aus	98	x	74	Sin
Fra	79	x	62	Can	Can	74	xp	63	Cor
For	83	x	76	Cor	Jap	83	x	67	Cor
Uru	70	x	65	Bul	Can	73	x	60	Jap
Uru	85	x	62	For	Urss	56	x	49	Fra
Bul	89	x	58	Cor	Eua	101	x	38	Uru
Bul	88	x	71	For	Bra	89	x	64	Chi
Uru	83	x	60	Cor	Bul	80	x	72	Fil
Bra	78	x	59	Chi	Jap	82	x	61	For
Bra	89	x	66	Aus	Can	83	x	38	Aus
Chi	78	x	56	Aus	Cor	61	x	47	Tha
Fra	71	x	60	Chi	Sin	92	x	79	Cor
Uru	79	xp	70	Fil	For	87	x	70	Aus
Uru	80	x	73	Chi	Can	75	x	60	Jap
Fil	65	xp	58	Fra	Fil	75	x	68	Chi

Chi	88	x	69	Fil		Bul	64	x	52	Bra
Fra	66	x	62	Uru		Uru	71	x	62	Fra
Eua	85	x	44	Bul		Eua	89	x	55	Urss

Média de pontos: 81,8 x 59,0

Cestinha: Oscar Moglia (Uru) – 26,0 pts/partida



Classificação final (vitórias-derrotas)



1º Estados Unidos (8-0)

2º União Soviética (5-3)

3º Uruguai (6-2)

4º França (5-3)

5º Bulgária (5-3)

6º Brasil (3-5)

7º Filipinas (4-4)

8º Chile (2-5)

9º Canadá (5-2)

10º Japão (3-4)

11º Formosa (5-3)

12º Austrália (2-5)

13º Singapura (2-5)

14º Coreia dos Sul (1-6)

15º Tailândia (0-7)

ROMA - 1960

Para os Jogos de Roma, nove equipes estavam previamente classificadas: as oito primeiras classificadas em Melbourne e o país sede (Itália). As demais vagas foram assim distribuídas levando-se em consideração os resultados do Campeonato Mundial e do Pan Americano de 1959: Japão, México e Porto Rico. As quatro vagas remanescentes foram disputadas em um torneio pré-olímpico em Bologna. Mas com a desistência do Chile, este número aumentou para 5.

Os JO de Roma mostraram a continuidade do predomínio norte-americano e a União Soviética aparecia como sua incansável perseguidora. Além disso, o Brasil surgiria com aquela que seria considerada a “geração dourada” do basquetebol brasileiro que, após a conquista do Campeonato Mundial em 1959, obteria a medalha de bronze. Mas uma nova potência mundial começava a se destacar: Iugoslávia.

Nos Estados Unidos brilharia um dos jogadores que seria grande estrela da NBA e considerado um dos cinquenta maiores de todos os tempos: Oscar Robertson. Outros atletas como Alexandre Petrov (União Soviética), Radivoje Korac e Ivo Daneau (Iugoslávia) e Lombardi (Itália) também abrilhantariam a competição.

Em Roma não houve uma final. A classificação foi definida em um torneio entre os quatro países melhores classificados e o Brasil repetiria o bronze de Londres.

Foram realizados 59 jogos

Hun	93	x	66	Jap		Urss	89	x	53	Uru
Eua	88	x	54	Ita		Urss	88	x	61	Iug
Eua	125	x	66	Jap		Eua	108	x	50	Uru
Ita	72	x	67	Hun		Iug	94	x	83	Uru
Eua	107	x	63	Hun		Eua	81	x	57	Urss
Ita	100	x	92	Jap		Fil	82	x	80	Pri
Iug	62	x	61	Fra		Hun	84	xp	80	Pri
Bul	75	x	69	Tch		Hun	81	x	70	Fil
Fra	73	xp	72	Bul		Mex	80	x	66	Esp
Iug	67	x	62	Bul		Fra	101	x	63	Jap
Tch	56	x	53	Fra		Mex	76	x	57	Jap
Urss	66	x	49	Mex		Fra	78	x	48	Esp
Bra	75	x	72	Pri		Fra	91	x	62	Mex
Mex	68	xp	64	Pri		Esp	66	x	64	Jap

Bra	58	x	54	Urss
Bra	80	xp	72	Mex
Urss	100	x	63	Pri
Pol	86	x	68	Fil
Esp	77	xp	72	Uru
Fil	84	x	82	Esp
Uru	76	x	72	Pol
Uru	80	x	76	Fil
Pol	75	x	63	Esp
Bra	78	xp	75	Ita
Tch	88	x	75	Pol
Bra	77	x	68	Pol
Ita	77	x	70	Tch
Ita	74	x	68	Pol
Bra	85	x	78	Tch
Eua	104	x	42	Iug

Urss	64	x	62	Bra
Eua	112	x	81	Ita
Urss	78	x	70	Ita
Tch	98	x	72	Uru
Iug	95	x	81	Pol
Pol	64	x	62	Uru
Tch	98	xp	93	Iug
Mex	69	x	57	Hun
Fra	122	x	75	Fil
Fil	65	x	64	Mex
Hun	74	x	70	Fra
Pri	75	x	65	Esp
Pri	93	x	73	Jap
Eua	90	x	63	Bra
Tch	76	x	64	Iug

Média de pontos: 83,0 x 67,0

Cestinha: Korac (Iug) – 23,6 pts/partida

**Classificação final (vitórias-derrotas)****1º Estados Unidos (8-0)****2º União Soviética (6-2)****3º Brasil (6-2)****4º Itália (4-4)****5º Tchecoslováquia (5-3)****6º Iugoslávia (4-4)****7º Polônia (3-5)****8º Uruguai (2-6)****9º Hungria (5-3)****10º França (5-3)****11º Filipinas (4-4)****12º México (4-4)****13º Porto Rico (3-5)****14º Espanha (2-5)****15º Japão (0-7)****16º Bulgária (1-5)**

TÓQUIO - 1964

Em Tóquio novamente os critérios para a escolha dos países foi alterado: os oito primeiros colocados em Roma; o campeão africano; os dois melhores classificado nos Jogos Pan Americanos de 1963 (exceto Estados Unidos, Brasil e Uruguai já classificados); dois europeus classificados em um torneio pré-olímpico exclusivo realizado em Genebra (Suíça) e dois países classificados em um pré-olímpico mundial que foi realizado em Yokohama (Japão) dias antes dos JO. Como Tchecoslováquia (classificada em Roma) e República da África Central (campeão africano) desistiram de participar, o pré-olímpico mundial classificou quatro equipes.

Estados Unidos, União Soviética e Brasil mantiveram a classificação de Roma, com Porto Rico chegando entre os quatro primeiros a Iugoslávia e a Itália se firmando no cenário mundial.

Nos Estados Unidos os grandes destaques eram Walt Hazzard e Bill Bradley, enquanto que a União Soviética trazia novamente Alexandre Petrov juntamente com outro grande atleta Genadine Volnov. A Iugoslávia voltava com seus astros Ivo Daneau e Radivoje Korac e Teo Cruz era a grande estrela de Porto Rico.

Começava também um duelo entre dois lendários técnicos: Hank Iba (Estados Unidos) e Alexander Gomelski (União Soviética).

Já o Brasil, que sofrera uma surpreendente derrota para o Peru em sua primeira partida, recuperou-se e obteve sua terceira medalha de bronze.

Foram realizados 72 jogos

Pol	56	x	53	Hun		Eua	60	x	45	Per
Ita	85	x	80	Mex		Uru	73	x	55	Fin
Pri	65	x	55	Jap		Iug	74	xp	70	Aus
Urss	87	x	52	Can		Bra	92	x	65	Cor
Ita	74	x	64	Pri		Eua	83	x	28	Uru
Pol	81	x	57	Jap		Iug	73	x	64	Per
Urss	87	x	76	Mex		Bra	61	x	54	Fin
Hun	70	x	59	Can		Aus	65	x	58	Cor
Pol	61	x	58	Ita		Fin	61	x	59	Aus
Pri	73	x	55	Mex		Per	84	x	57	Cor
Urss	84	x	42	Hun		Bra	80	x	68	Uru
Jap	58	x	37	Can		Eua	69	x	61	Iug
Urss	82	x	63	Pri		Iug	99	x	66	Cor
Jap	58	x	41	Hun		Fin	63	x	59	Per

Ita	66	x	54	Can	Eua	86	x	53	Bra
Mex	71	x	70	Pol	Uru	58	x	57	Aus
Mex	78	x	68	Can	Eua	116	x	50	Cor
Ita	77	x	73	Hun	Iug	74	x	45	Fin
Urss	72	x	59	Jap	Bra	69	x	57	Aus
Pri	66	x	60	Pol	Uru	69	x	59	Per
Jap	72	x	68	Ita	Urss	53	x	47	Bra
Hun	69	x	61	Mex	Eua	62	x	42	Pri
Urss	74	x	65	Pol	Ita	75	x	63	Iug
Pri	88	x	69	Can	Pol	82	x	69	Uru
Pri	74	x	59	Hun	Aus	70	x	58	Mex
Pol	74	x	69	Can	Jap	54	x	45	Fin
Mex	64	x	62	Jap	Hun	99	x	83	Cor
Urss	76	x	67	Ita	Can	82	xp	81	Per
Fin	80	x	72	Cor	Per	71	x	66	Cor
Per	58	x	50	Bra	Hun	68	x	65	Can
Iug	84	x	71	Uru	Fin	73	x	72	Mex
Eua	78	x	45	Aus	Aus	64	x	57	Jap
Uru	105	x	64	Cor	Iug	78	x	55	Uru
Bra	68	x	64	Iug	Ita	79	x	59	Pol
Eua	77	x	51	Fin	Bra	76	x	60	Pri
Aus	81	x	62	Per	Eua	73	x	59	Urss

Média de pontos: 74,2 x 59,5

Cestinha: Ricardo Duarte (Per) – 23,6 pts/partida



Classificação final (vitórias-derrotas



1º Estados Unidos (9-0)

2º União Soviética (8-1)

3º Brasil (6-3)

4º Porto Rico (5-4)

5º Itália (6-3)

6º Polônia (5-4)

7º Iugoslávia (6-3)

8º Uruguai (4-5)

9º Austrália (4-5)

10º Japão (4-5)

11º Finlândia (4-5)

12º México (3-6)

13º Hungria (4-5)

14º Canadá (1-8)

15º Peru (3-6)

16º Coreia do Sul (0-9)

CIDADE DO MÉXICO - 1968

Os JO do México foram marcados por um marcante protesto contra o racismo nos Estados Unidos. Dois atletas norte-americanos do atletismo, Tommie Smith e John Carlos, no momento do recebimento das medalhas, ainda no pódio, ergueram o punho envolvido com uma luva preta. Por este ato, os atletas foram expulsos da delegação norte-americana.

Nesses jogos, Estados Unidos, União Soviética, Iugoslávia e Brasil (nesta ordem) obtiveram as quatro primeiras colocações, enquanto a novidade era a participação de duas equipes africanas: Marrocos e Senegal. E nova mudança nos critérios de escolha dos países: os cinco melhores classificados em Tóquio, o país sede, dois classificados em torneios continentais (América, África, Ásia e Europa) e mais dois países classificados em um torneio pré-olímpico mundial.

A final desses jogos foi entre Estados Unidos e Iugoslávia, quebrando uma sequência de três finais entre Estados Unidos e União Soviética. Além de Korac e Daneau a Iugoslávia trazia o grande pivô Cosic. Já os Estados Unidos mantinham a tradição de grandes nomes como Spencer Haywood e Jo Jo White. A União Soviética com um time renovado tinha como destaque Paulauskas, Polivoda e Sergei Belov.

Outros nomes de destaque: Raymond Dalmau e Teófilo Cruz (Porto Rico); Arturo Guerrero e Manuel Raga (México) e Lombardi (Itália).

Foram realizados 72 jogos

Eua	81	x	46	Esp		Bul	77	x	59	Mar
Ita	91	x	66	Fil		Pol	78	x	75	Cub
Pri	69	x	26	Sng		Urss	89	x	58	Cor
Iug	96	x	85	Pan		Bra	60	x	53	Mex
Eua	93	x	36	Sng		Urss	81	x	56	Bul
Esp	108	x	79	Fil		Mex	86	x	38	Mar
Iug	93	x	72	Pri		Bra	88	x	51	Pol
Ita	94	x	87	Pan		Cub	80	x	71	Cor
Iug	84	x	65	Sng		Pol	85	x	48	Mar
Esp	88	x	82	Pan		Urss	100	x	66	Cub
Eua	96	x	75	Fil		Bra	91	x	59	Cor
Ita	68	x	65	Pri		Mex	73	x	63	Bul
Pan	95	x	92	Fil		Cor	76	x	54	Mar
Esp	86	x	62	Pri		Bra	84	x	68	Cub
Ita	81	x	55	Sng		Pol	69	x	67	Bul
Eua	73	x	58	Iug		Urss	82	x	62	Mex
Eua	95	x	60	Pan		Bul	64	x	60	Cor
Esp	64	x	54	Sng		Cub	89	x	53	Mar
Pri	89	x	65	Fil		Mex	68	x	63	Pol
Iug	80	xp	69	Ita		Urss	76	x	65	Bra
Pri	80	x	69	Pan		Eua	75	x	63	Bra
Fil	80	x	68	Sng		Iug	63	x	62	Urs
Iug	92	x	79	Esp		Mex	73	x	72	Esp
Eua	100	x	61	Ita		Pol	66	x	52	Ita
Pan	94	x	79	Sng		Pri	71	x	65	Cub
Ita	98	x	86	Esp		Bul	83	x	79	Pan
Iug	89	x	68	Fil		Fil	86	x	57	Mar
Eua	61	x	56	Pri		Cor	76	x	59	Sng
Bra	98	x	52	Mar		Sng	42	x	38	Mar
Urss	91	x	50	Pol		Fil	66	x	63	Cor
Mex	75	x	62	Cor		Cub	91	x	88	Pan
Bul	70	x	61	Cub		Pri	67	x	57	Bul
Urss	123	x	51	Mar		Esp	77	x	72	Ita
Pol	77	x	67	Cor		Mex	75	x	65	Pol
Bra	75	x	59	Bul		Urss	70	x	53	Bra
Mex	76	x	75	Cub		Eua	65	x	50	Iug

Média de pontos: 81,2 x 62,9

Cestinha: Davis Peralta (Pan) – 23,8 pts/partida



Classificação final (vitórias-derrotas)



1º Estados Unidos (9-0)

2º Iugoslávia (7-2)

3º União Soviética (8-1)

4º Brasil (6-3)

5º México (7-2)

6º Polônia (5-4)

7º Espanha (5-4)

8º Itália (5-4)

9º Porto Rico (5-4)

10º Bulgária (4-5)

11º Cuba (3-6)

12º Panamá (2-7)

13º Filipinas (3-6)

14º Coreia do Sul (2-7)

15º Senegal (1-8)

16º Marrocos (0-9)

MUNIQUE - 1972

Os JO de Munique foram marcados pelo atentado contra a delegação de Israel que deixou onze mortos e muita consternação entre todos os participantes.

Mas foi no campo esportivo que a maior surpresa aconteceu. Novamente, dezesseis países obtiveram o direito de participar dos Jogos sendo os quatro primeiros colocados nos Jogos do México, o país sede, dois de cada continente (África, Ásia, Europa e Américas) e três do pré-olímpico mundial que foi realizado em Augsburg (Alemanha).

Os Estados Unidos vinham novamente com uma equipe com futuros astros da NBA como Doug Collins, Bob Jones e Tom Henderson. A União Soviética praticamente com a mesma equipe de 1964 cujos destaques eram os irmãos Sergei e Alexandr Belov. A Espanha, equipe emergente no cenário mundial trazia entre seus astros Wayne Brabender, Francisco Buscató, Juan Corbalan e Clifford Luick. Na Itália a estreia olímpica do lendário Dino Meneghin. Cosic e Jelovac lideravam a equipe iugoslava.

A primeira grande surpresa foi a eliminação de Brasil e Iugoslávia logo na primeira fase dando lugar a Cuba e Itália nas semifinais. Mas nada comparável ao que aconteceria na final entre Estados Unidos e União Soviética. Os soviéticos, uma equipe experiente, souberam explorar a inexperiência da equipe norte-americana e fizeram um jogo de paciência. A dez minutos do final o placar apontava 38 x 28 para a União Soviética. Hank Iba, determinou uma marcação pressão e com isto o placar baixou para 49x48. A três segundos do final, Doug Collins converteu dois lances-livre que deram a liderança para os Estados Unidos. Fim de jogo. Mais uma medalha de ouro para os norte-americanos.

Mas, constatado um erro de cronometragem o jogo foi reiniciado, faltando três segundos, com fundo bola para os soviéticos. Um passe longo alcançou Alexandr Belov no garrafão dos Estados Unidos e este converteu os dois pontos que deram a vitória à União Soviética. Apesar dos protestos dos americanos, o resultado foi mantido e uma sequência de sete medalhas de ouro foi quebrada. Em protesto, os nortes americanos não subiram ao pódio para receber a medalha. O Brasil esteve presente nesta final com o árbitro Renato Righetto.

Foram realizados 70 jogos

Cub	105	x	64	Esp		Iug	85	x	64	Pol
Eua	66	x	35	Tch		Pol	95	x	59	Sng
Bra	110	x	55	Jap		Urss	79	x	66	Ita
Esp	79	x	74	Aus		Pri	79	x	74	Iug
Bra	110	x	84	Egi		Ale	93	x	74	Fil
Eua	81	x	55	Aus		Urss	94	x	64	Pol
Cub	74	x	53	Esp		Ita	68	x	57	Ale
Tch	74	x	61	Jap		Iug	117	x	76	Fil
Bra	72	x	69	Esp		Pri	92	x	57	Sng
Jap	78	x	73	Egi		Fil	68	x	62	Sng
Tch	69	x	68	Aus		Iug	81	x	56	Ale
Eua	67	x	48	Cub		Ita	71	x	59	Pol
Esp	72	x	58	Egi		Urss	100	x	87	Pri
Aus	92	x	76	Jap		Iug	73	x	57	Sng
Cub	77	x	65	Tch		Ale	67	x	65	Pol
Eua	61	x	54	Bra		Urss	111	x	80	Fil
Cub	84	x	70	Aus		Ita	71	x	54	Pri
Eua	96	x	31	Egi		Ita	101	x	81	Fil
Bra	83	x	82	Tch		Pri	85	x	83	Pol
Esp	87	x	76	Jap		Urss	74	x	67	Iug
Aus	75	x	69	Bra		Ale	72	x	62	Sng
Tch	94	x	64	Egi		Jap	70	x	67	Sng
Cub	108	x	63	Jap		Aus	70	x	69	Ale
Eua	72	x	56	Esp		Pol	87	x	76	Esp
Eua	99	x	33	Jap		Pri	87	x	83	Bra
Tch	74	x	70	Esp		Iug	66	x	63	Tch
Aus	89	x	66	Egi		Urss	67	x	61	Cub
Cub	64	x	63	Bra		Eua	68	x	38	Ita
Pol	90	x	75	Fil		Fil	82	x	73	Jap
Iug	85	x	78	Ita		Esp	84	xp	83	Ale
Urss	94	x	52	Sng		Aus	91	x	83	Pol
Pri	81	x	74	Ale		Bra	87	x	69	Tch
Ita	92	x	56	Sng		Iug	86	x	70	Pri
Urss	87	x	63	Ale		Cub	66	x	65	Ita
Pri	92	x	72	Fil		Urss	51	x	50	Eua

Média de pontos: 82,4 x 65,1

Cestinha: Taniguchi (Jap) – 23,9 pts/partida



Classificação final (vitórias-derrotas)



1º União Soviética (9-0)

2º Estados Unidos (8-1)

3º Cuba (7-2)

4º Itália (5-4)

5º Iugoslávia (7-2)

6º Porto Rico (6-3)

7º Brasil (5-4)

8º Tchecoslováquia (4-5)

9º Austrália (5-4)

10º Polônia (3-6)

11º Espanha (4-5)

12º Alemanha (3-6)

13º Filipinas (3-6)

14º Japão (2-7)

15º Senegal (0-8)

16º Egito (0-8)

MONTREAL - 1976

Montreal foi marcada pelo primeiro boicote da história dos JO. Em protesto contra a eliminação imposta pelo COI à África do Sul, em razão da política de “apartheid” praticada pelo país, os países africanos se retiraram da competição no decorrer da mesma.

Naquele ano o COI determinou que somente doze países disputariam a competição de basquetebol masculino. Isto fez com que os três medalhistas de Munique, o país sede, os cinco campeões continentais e três classificados do pré-olímpico realizado em Hamilton (Canadá) disputassem os Jogos, reduzindo a chance de grandes equipes de participarem dos Jogos como, por exemplo, Brasil e Espanha desclassificados no pré-olímpico.

A grande expectativa era pelo retorno da equipe norte-americana depois da polêmica final em Munique e um possível encontro com a União Soviética. Mas quis o destino que os resultados não colocassem as duas grandes potências frente a frente.

Pelos Estados Unidos participaram astros universitários como Adrian Dantley, Scott May e Quinn Buckner dirigidos pelo extraordinário Dean Smith. Na União Soviética, além dos irmãos Belov surgiria o gigante Tkachenko. A Iugoslávia viria com uma equipe fantástica dirigida por Mirko Novosel e que tinha entre outros Delipagic, Delibasic e Kikanovic. A Itália traria de volta Dino Menghin e contaria com o talento de Marzorati. O México, apesar de um discreto décimo lugar mostrou ao mundo Arturo Guerrero, um dos principais cestinhas da competição.

Foram realizados 36 jogos

Can	104	x	76	Jap		Eua	95	x	94	Pri
Cub	111	x	89	Aus		Iug	99	x	81	Tch
Urss	120	x	77	Mex		Ita	79	x	69	Tch
Can	84	x	79	Cub		Eua	112	x	93	Iug
Urss	93	x	77	Aus		Tch	89	x	83	Pri
Mex	108	x	90	Jap		Iug	88	x	87	Ita
Aus	120	xp	117	Mex		Eua	81	x	76	Tch
Cub	97	x	56	Jap		Ita	95	x	81	Pri
Urss	108	x	85	Can		Iug	89	x	84	Urss
Urss	129	x	63	Jap		Ita	79	x	72	Aus
Cub	89	x	75	Mex		Tch	91	x	76	Cub
Can	81	x	69	Aus		Eua	95	x	77	Can
Urss	98	x	72	Cub		Pri	111	x	91	Jap
Can	92	x	84	Mex		Pri	89	x	84	Mex
Aus	115	x	79	Jap		Cub	92	x	81	Aus
Iug	84	x	63	Pri		Ita	98	x	75	Tch
Eua	106	x	86	Ita		Urss	100	x	72	Can
Tch	103	x	64	Egi		Eua	95	x	74	Iug

Média de pontos: 97,8 x 79,2

Cestinha: Palubinskas (Aus) – 31,3 pts/partida



Classificação final (vitórias – derrotas)



1º Estados Unidos (7-0)

2º Iugoslávia (5-2)

3º União Soviética (6-1)

4º Canadá (4-3)

5º Itália (5-2)

6º Tchecoslováquia (3-4)

7º Cuba (4-3)

8º Austrália (2-5)

9º Porto Rico (3-4)

10º México (2-5)

11º Japão (1-6)

12º Egito (0-7)



MOSCOU - 1980

Questões políticas relacionadas à invasão Soviética no Afeganistão provocaram um grande boicote aos JO de Moscou.

Os Estados Unidos e cerca de 60 países aliados se recusaram a participar dos JO, causando grandes perdas especialmente no basquetebol. Dos doze participantes, estavam classificados os três primeiros de Montreal. Completariam o quadro três países das Américas, três da Europa, um da África, um da Ásia e um da Oceania. No entanto o boicote provocou uma grande confusão e vários dos países classificados em seus torneios continentais desistiram da disputa olímpica como Estados Unidos, Canadá, Porto Rico, Argentina, China e Japão.

Em razão deste fato, a FIBA resolveu convidar outros países, entre eles o Brasil para completar o quadro olímpico do basquetebol.

Era de se esperar que a União Soviética fosse à final pois jogava em casa com apoio de sua torcida. Mas uma derrota para a Itália tirou os soviéticos da final tendo que se contentar com a medalha de bronze. Provando mais uma vez a evolução de seu basquetebol, a Iugoslávia foi a grande vencedora.

O boicote tirou a chance de vermos atletas como Larry Bird, Magic Johnson, Isiah Thomas comandados pelo polêmico Bobby Knight. Mas ainda sim a competição foi recheada de grandes estrelas como Delipagic, Delibasic, Cosic, Zizic e Kikanovic (Iugoslávia), Villalta, Menghin e Marzorati (Itália), Brabender, Corbalan e San Epifanio (Espanha), Eremin, Belosteny, Belov e Tkachenco (União Soviética).

Foram realizados 44 jogos

Bra	72	x	70	Tch	Tch	83	x	61	Sue
Urss	121	x	65	Ind	Pol	101	x	74	Aus
Tch	133	x	65	Ind	Sue	119	x	63	Ind
Urss	101	x	88	Bra	Aus	95	x	64	Sng
Bra	137	x	64	Ind	Pol	88	x	84	Tch
Urss	99	x	62	Tch	Aus	93	x	75	Ind
Iug	104	x	67	Sng	Tch	88	x	72	Sng
Esp	104	x	81	Pol	Sue	70	x	67	Pol
Esp	94	x	65	Sng	Bra	94	x	93	Cub
Iug	129	x	91	Pol	Urss	119	x	102	Esp
Pol	84	x	64	Sng	Iug	102	x	81	Ita
Iug	95	x	91	Esp	Esp	110	x	81	Bra
Ita	92	x	77	Sue	Iug	112	x	84	Cub
Cub	83	x	76	Aus	Ita	87	x	85	Urs
Cub	71	x	59	Sue	Esp	96	xp	95	Cub
Aus	84	x	77	Ita	Iug	101	xp	91	Urs
Aus	64	x	55	Sue	Bra	90	x	77	Ita
Ita	79	x	72	Cub	Ita	95	x	89	Esp
Pol	113	x	67	Ind	Urss	109	x	90	Cub
Sue	70	x	64	Sng	Iug	96	x	95	Bra
Aus	91	x	86	Tch	Urss	117	x	94	Esp
Sng	81	x	59	Ind	Iug	86	x	77	Ita

Média de pontos: 96,7 x 76,3

Cestinha: Ian Davies (Aus) – 29,3 pts/partida



Classificação final



1º Iugoslávia (8-0)

2º Itália (4-4)

3º União Soviética (6-2)

4º Espanha (4-4)

5º Brasil (4-3)

6º Cuba (2-5)

7º Polônia (4-3)

8º Austrália (5-2)

9º Tchecoslováquia (3-4)

10º Suécia (3-4)

11º Senegaç (1-6)

12º Índia (0-7)



LOS ANGELES - 1984

Em Los Angeles o bloco soviético, incluindo Cuba, deu o troco. Mas a Iugoslávia se manteve nos JO trazendo em sua equipe aquele que seria uma das maiores estrelas do basquetebol mundial: Drazen Petrovic.

Doze países participaram: campeão e vice de Moscou, país sede e nove países oriundos de torneios continentais (três das Américas, três da Europa, um da África, um da Ásia e um da Oceania).

Uma surpresa nas semifinais com a vitória de Espanha sobre a Iugoslávia colocaria o país em sua primeira final contra os donos da casa que haviam vencido o Canadá.

Muitas novidades entre os atletas nos Jogos de 1984. Além de Petrovic, brilhou a jovem estrela Andrew Gaze (Austrália), os espanhóis Corbalan, Romay e Fernando Martin, o veterano Meneghin e Antonelo Riva da Itália. Também foram destaques os uruguaios Tato Lopes e Fefo Ruiz, o canadense Jay Triano e os alemães Detlef Shrempf e Uwe Blabe

Mas nada comparável ao aparecimento de uma jovem estrela que marcaria época no basquetebol mundial, sendo considerado por muitos como o maior jogador de todos os tempos: Michael Jordan. Além de Jordan, ainda fariam parte da equipe norte-americana Sam Perkins, Cris Mullin e Pat Ewing. Bobby Knight impedido de participar como técnico em 1980, devido ao boicote americano, voltaria para comandar essa verdadeira constelação de atletas.

Foram realizados 46 jogos

Ita	110	x	62	Egi		Esp	97	x	82	Fra
Iug	96	x	83	Ale		Esp	102	x	83	Chn
Aus	76	x	72	Bra		Eua	120	x	62	Fra
Ita	80	x	72	Ale		Can	95	x	80	Uru
Bra	91	x	82	Egi		Eua	101	x	68	Esp
Iug	94	x	64	Aus		Can	96	x	69	Fra
Aus	67	x	66	Ale		Uru	74	x	67	Chn
Iug	100	x	69	Egi		Can	78	x	72	Ita
Ita	89	x	78	Bra		Iug	110	x	82	Uru
Ale	85	x	58	Egi		Esp	101	x	93	Aus
Iug	98	x	85	Bra		Eua	78	x	67	Ale
Ita	93	x	82	Aus		Bra	100	x	86	Fra
Aus	94	x	78	Egi		Chn	76	x	73	Egi
Ale	78	x	75	Bra		Uru	101	x	95	Aus
Iug	69	x	65	Ita		Ita	98	x	71	Ale
Uru	91	xp	87	Fra		Fra	102	x	78	Egi
Eua	97	x	49	Chn		Bra	86	x	76	Chn
Esp	83	x	82	Can		Aus	83	x	78	Ale
Chn	85	x	83	Fra		Ita	111	x	102	Uru
Eua	89	x	68	Can		Esp	74	x	61	Iug
Esp	107	x	90	Uru		Eua	78	x	59	Can
Can	121	x	80	Chn		Iug	88	x	82	Can
Eua	104	x	68	Uru		Eua	96	x	65	Esp

Média de pontos: 92,2 x 75,0

Cestinha: Soliman Mohamed (Egi) - 25,6 pts/partida



Classificação final (vitórias-derrotas)



1º Estados Unidos (8-0)

2º Espanha (6-2)

3º Iugoslávia (7-1)

4º Canadá (4-4)

5º Itália (6-2)

6º Uruguai (3-5)

7º Austrália (4-4)

8º Alemanha (2-6)

9º Brasil (3-4)

10º China (2-5)

11º França (1-6)

12º Egito (0-7)



Em Seoul as maiores potências do basquetebol mundial estariam novamente reunidas.

Os norte-americanos apesar de campeões olímpicos em 1984 e campeões mundiais em 1986 vinham de uma grande derrota nos Jogos Pan-Americanos de 1987. Foram batidos por um Brasil inspirado e aguerrido em sua própria casa. Os soviéticos, por sua vez, também vinham de uma decepção pelo bronze nos Jogos de Moscou e buscavam sua segunda medalha de ouro. O último encontro entre os dois países havia acontecido nos Campeonato Mundial de 1986, com a vitória dos Estados Unidos.

Doze países participaram dos Jogos: Estados Unidos (último campeão), Coreia do Sul (sede) e mais três representantes das Américas e Europa e um representante de cada um dos continentes: África, Ásia e Oceania.

Foram os primeiros Jogos disputados com a regra dos três pontos já adotada no Mundial de 1986.

Na verdade, a grande e esperada final aconteceu na semi quando os soviéticos venceram os americanos – 82 x 76 levando-os à final contra a Iugoslávia que vencera a emergente Austrália. Na final a União Soviética venceu por 79 x 63 conquistando assim a medalha de ouro que não acontecia desde os Jogos de 1972.

Os soviéticos tinham uma equipe fortíssima liderada por Volkov, Marciulionis e Sabonis e comandada pelo experiente e lendário Alexander Gomelski que voltava à equipe, enquanto a Iugoslávia, além de Petrovic, tinha Vlade Divac e Toni Kucoc. David Robinson e Danny Manning, remanescentes da derrota do Pan eram os destaques americanos. Andrew Gaze e Luck Longley (futuro astro do Chicago Bulls). Mohamed Soliman, cestinha dos Jogos em 1984 voltava pelo Egito. Porto Rico trazia José Piculin Ortiz, Angel Cruz e Jerome Mincy e a Espanha tinha como destaques Andrés Gimenez e San Epifânio.

Nesses jogos alguns recordes foram quebrados. E pelo Brasil. A maior contagem acumulada até hoje nos Jogos aconteceu no jogo Brasil x China (130 x 108). A maior pontuação individual em um jogo também foi do brasileiro Oscar Schmidt quando marcou 55 pontos na derrota brasileira para a Espanha (118 x 110). O Brasil ultrapassou a marca dos 100 pontos em sete de seus oito jogos, inclusive nas derrotas para Espanha e União Soviética.

Foram realizados 46 jogos.

Aus	81	x	77	Pri		Esp	106	x	74	Chn
Rca	73	x	70	Cor		Esp	94	x	84	Can
Iug	92	x	79	Urss		Bra	138	x	85	Egi
Pri	79	x	74	Cor		Eua	108	x	57	Chn
Iug	102	x	61	Rca		Can	99	x	96	Chn
Urss	91	x	69	Aus		Eua	102	x	35	Egi
Iug	104	x	92	Cor		Esp	118	x	110	Bra
Urss	93	xp	81	Pri		Rca	63	x	57	Egi
Aus	106	x	67	Rca		Cor	93	x	90	Chn
Pri	71	x	67	Rca		Chn	97	x	75	Egi
Urss	110	x	73	Cor		Cor	89	x	81	Rca
Iug	98	x	78	Aus		Iug	95	x	73	Can
Aus	95	x	75	Cor		Urss	110	x	105	Bra
Urss	87	x	78	Rca		Eua	94	x	57	Pri
Pri	74	x	72	Iug		Aus	77	x	74	Esp
Chn	98	x	84	Egi		Can	96	x	91	Esp
Bra	125	x	109	Can		Bra	104	x	86	Pri
Eua	97	x	53	Esp		Pri	93	x	92	Esp
Bra	130	x	108	Chn*		Bra	106	x	90	Can
Eua	76	x	70	Can		Iug	91	x	70	Aus
Esp	113	x	70	Egi		Urss	82	x	76	Eua
Eua	102	x	87	Bra		Eua	78	x	49	Aus
Can	117	x	64	Egi		Urss	76	x	63	Iug

Média de pontos: 96,2 x 76,7

Cestinha: Oscar (Bra) – 42,3 pts/partida – a melhor média de pontos na história dos JO

*Partida com o maior número de pontos acumulados na história dos JO - 238



Classificação final (vitórias-derrotas)



1º União Soviética (7-1)

2º Iugoslávia (6-2)

3º Estados Unidos (7-1)

4º Austrália (4-4)

5º Brasil (5-3)

6º Canadá (3-5)

7º Porto Rico (4-4)

8º Espanha (4-4)

9º Coreia do Sul (2-5)

10º Rep. Centro Africana (2-5)

11º China (2-5)

12º Egito (0-7)



BARCELONA - 1992

Os resultados nos Jogos Pan Americanos de 1987 (vice-campeão) e 1991 (3º lugar), nos JO de 1988 (3º lugar) e no Campeonato Mundial de 1990 (3º lugar) fizeram com que os Estados Unidos acendessem a luz amarela em relação à sua tão propalada hegemonia no basquetebol. Esses resultados também fizeram com que a FIBA, por pura pressão norte-americana abrisse mão do já desgastado “amadorismo olímpico” e aceitasse a entrada dos atletas profissionais da NBA nos JO.

Doze países participariam dos Jogos: Espanha (sede), quatro países das Américas, quatro da Europa e os campeões da África, Ásia e Oceania. Apesar de campeões, os soviéticos, em função das dissidências, tiveram que participar do torneio pré-olímpico europeu e competiram sob a bandeira da Comunidade dos Estados Independentes (CEI). Também estrearam Croácia e Lituânia, dissidentes das antigas repúblicas da Iugoslávia e União Soviética respectivamente.

Muitos astros, inclusive jogadores de outros países que atuavam na NBA puderam desfilar pelas quadras de Barcelona: Andrew Gaze e Lucky Longley (Austrália), Vitoriano e Conceição (Angola), Detlef Schrempf e Uwe Blabe (Alemanha), Petrovic, Dino Radja e Toni Kukoc (Croácia), Sabonis, Marciulionis e Kurtinaitis (Lituânia), Tikonenko e Volkov (CEI), Piculim Ortiz e Mincy (Porto Rico), Villacampa, Jimenez e San Epifânio (Espanha), Carl Herrera (Venezuela), entre outros.

Mas nada comparável àquele que foi denominado “Dream Team” por reunir os mais espetaculares atletas da NBA: David Robinson, Pat Ewing, Larry Bird, Charles Barkley, Scott Pippen, Clyde Drexler, Karl Malone, Chris Mullin, Magic Johnson, Michael Jordan e John Stockton, além de Christian Laettner, o único universitário da equipe. Este time era dirigido por Chuck Dale, então técnico do Houston Rockets.

Ao Brasil restou o consolo de ter novamente Oscar como o cestinha da competição.

A equipe americana fez jus à fama e simplesmente atropelou todos os adversários vencendo com média aproximada de 40 pontos de diferença, inclusive na final contra a forte Croácia (117 x 85).

Foram realizados 46 jogos

Eua	116	x	48	Ang		Lit	104	x	91	Pri
Ale	83	x	74	Esp		Pri	96	x	82	Vnz
Cro	93	x	76	Bra		Aus	88	x	66	Chn
Ale	64	x	63	Ang		Cei	92	x	80	Lit
Eua	103	x	70	Cro		Vnz	96	x	88	Chn
Esp	101	x	100	Bra		Lit	98	x	70	Aus
Bra	76	x	66	Ang		Pri	82	x	70	Cei
Eua	111	x	68	Ale		Ang	79	x	69	Chn
Cro	88	x	79	Esp		Esp	95	x	81	Vnz
Ang	83	x	63	Esp		Vnz	100	x	97	Chn
Cro	99	x	78	Ale		Esp	78	x	75	Ang
Eua	127	x	83	Bra		Cro	98	x	65	Aus
Bra	85	x	76	Ale		Cei	83	x	76	Ale
Cro	73	x	64	Ang		Lit	114	x	96	Bra
Eua	122	x	81	Esp		Eua	115	x	77	Pri
Cei	78	x	64	Vnz		Bra	86	x	84	Pri
Lit	112	x	75	Chn		Cro	75	x	74	Cei
Aus	116	x	76	Pri		Aus	109	x	79	Ale
Pri	100	x	68	Chn		Eua	127	x	76	Lit
Lit	87	x	79	Vnz		Ale	96	x	86	Pri
Cei	85	x	63	Aus		Bra	90	x	80	Aus
Aus	78	x	71	Vnz		Lit	82	x	78	Cei
Cei	100	x	84	Chn		Eua	117	x	85	Cro*

Média de pontos: 95,2 x 76,0

Cestinha: Oscar (Bra) – 24,9 pts/partida

*Maior diferença de pontos em uma final – 32 pontos



Classificação final (vitórias-derrotas)



1º Estados Unidos (8-0)

2º Croácia (6-2)

3º Lituânia (6-2)

4º Comunidade dos Estados Independentes (5-3)

5º Brasil (4-4)

6º Austrália (4-4)

7º Alemanha (3-5)

8º Porto Rico (3-5)

9º Espanha (3-4)

10º Angola (2-5)

11º Venezuela (2-5)

12º China (0-7)



ATLANTA - 1996

Os Jogos que deveriam ser realizados em Atenas em comemoração aos 100 anos dos JO da era moderna, foram destinados a Atlanta, coincidentemente a sede da Coca Cola o maior patrocinador dos JO.

Repetiu-se a fórmula: 12 equipes sendo quatro das Américas e da Europa, duas da África e uma da Ásia e da Oceania. As grandes surpresas foram as ausências da Rússia e da Espanha por não terem se classificado no pré-olímpico europeu. Pela primeira vez a participação da Grécia e também o confronto entre Iugoslávia e Croácia.

Os Estados Unidos montaram outra equipe fortíssima com jogadores da NBA e novamente obtiveram vitórias expressivas com diferenças médias de 30 pontos, inclusive na final contra a Iugoslávia (95 x 69).

Oscar, cestinha pela terceira vez consecutiva, anunciou sua despedida no jogo pela disputa do quinto lugar contra a Grécia.

A Iugoslávia tinha como astro Dejan Bodiroga ao lado de Divac, Obradovic e Djordjevic. A Lituânia repetiria sua base com Sabonis, Kurtinaitis e Marciulionis. Outros grandes astros desfilararam em Atlanta: Oberto e Milanésio (Argentina), Andrew Gaze (Austrália), Kukoc e Radja (Croácia), Alvertis, Fassoulas e Giannakis (Grécia), entre outros.

O segundo “Dream Team” era composto por: Charles Barkley, Karl Malone, Scott Pippen, David Robinson e John Stockton, repetindo 1992 e ainda Akeem Olajuwon, Gary Payton, Mitch Richmond, Reggie Miller, Anfernee Hardaway e Shaquille O’Neil.

Foram realizados 46 jogos

Chn	70	x	67	Ang		Aus	109	xp	101	Bra
Eua	96	x	68	Arg		Gre	108	x	86	Cor
Lit	83	xp	81	Cro		Iug	101	x	82	Bra
Eua	87	x	54	Ang		Aus	101	x	96	Pri
Cro	109	x	78	Chn		Bra	127	x	97	Cor
Arg	65	x	61	Lit		Aus	103	x	62	Gre
Cro	71	x	48	Ang		Iug	97	x	86	Pri
Eua	104	x	82	Lit		Arg	97	x	79	Cor
Chn	87	x	77	Arg		Pri	97	x	79	Ang
Lit	85	x	49	Ang		Bra	80	x	74	Cro
Cro	90	x	75	Arg		Gre	115	x	75	Chn
Eua	133	x	70	Chn		Eua	98	x	75	Bra
Arg	66	x	62	Ang		Iug	128	x	61	Chn
Lit	116	x	55	Chn		Lit	99	x	66	Gre
Eua	102	x	71	Cro		Aus	73	x	71	Cro
Aus	111	x	88	Cor		Eua	101	x	73	Aus
Bra	101	x	98	Pri		Iug	66	x	58	Lit
Iug	71	x	63	Gre		Ang	99	x	61	Cor
Pri	98	x	86	Cor		Arg	87	x	77	Pri
Iug	91	x	68	Aus		Cro	99	x	85	Chn
Gre	89	x	87	Bra		Gre	91	x	72	Bra
Iug	118	x	65	Cor		Lit	80	x	74	Aus
Gre	80	x	69	Pri		Eua	95	x	69	Iug

Média de pontos: 95,1 x 73,5**Cestinha:** Oscar (Bra) – 27,4 pts/partida



Classificação final (vitórias-derrotas)



1º Estados Unidos (8-0)

2º Iugoslávia (7-1)

3º Lituânia (5-3)

4º Austrália (5-3)

5º Grécia (5-3)

6º Brasil (3-5)

7º Croácia (4-4)

8º China (2-6)

9º Argentina (4-3)

10º Porto Rico (2-5)

11º Angola (1-6)

12º Coreia do Sul (0-7)



Depois de quarenta e quatro anos os JO estavam de volta à Austrália. Em Sydney os critérios de classificação foram radicalmente alterados. Além do país sede, participariam o Campeão Mundial de 1998 (Iugoslávia), um país de cada continente e mais cinco vagas que seriam definidas a partir da classificação de 2º a 6º do mesmo mundial.

Com este critério a Europa ficou com a maioria das vagas pois no Mundial, entre os seis primeiros classificados cinco eram europeus e apenas um americano. Desta forma o quadro de vagas ficou assim definido: Austrália (sede), Iugoslávia (campeão mundial), uma para a Oceania (além da Austrália), uma para Ásia, uma para África, duas para as Américas e cinco para a Europa (além da Iugoslávia).

Esses JO marcaram o reaparecimento da Itália e, principalmente da França. Surpreendendo potências como Lituânia, Itália, Iugoslávia, Rússia, Austrália e Espanha, os franceses foram à final contra os norte-americanos perdendo pela diferença de 10 pontos em um jogo muito disputado.

Tentando se recuperar da atuação no Mundial de 1998, quando obtiveram o bronze com uma equipe profissional de segunda linha, em função da greve da NBA, os americanos voltaram aos JO com outra equipe forte onde se destacavam Vince Carter, Kevin Garnet, Jason Kidd e Alonzo Mourning.

Os outros países também tinham seus destaques: Andrew Gaze e Lucky Longley (Austrália), Yao Ming (China), Rigadeau e Schiarrà (França), Fucka (Itália), Jasikevicius e Stombergas (Lituânia), Cameron (Nova Zelândia), Kirilenko (Rússia), Bodiroga, Tomasevic e Stoïakovic (Iugoslávia), entre outros.

O Brasil, ausente em 2000, amargaria uma rotina de desclassificações nos torneios pré-olímpicos, só voltando aos JO em 2012.

Foram realizados 42 jogos

Fra	76	x	50	Nzl		Can	91	x	77	Esp
Ita	50	x	48	Lit		Iug	73	x	64	Ang
Eua	119	x	72	Chn		Aus	75	x	71	Rus
Chn	75	x	60	Nzl		Iug	78	x	65	Esp
Eua	93	x	61	Ita		Rus	77	x	59	Can
Lit	81	x	63	Fra		Rus	88	x	65	Ang
Ita	78	x	66	Nzl		Aus	86	x	75	Ang
Fra	82	x	70	Chn		Can	83	x	75	Iug
Eua	85	x	76	Lit		Aus	91	x	80	Esp
Lit	82	x	66	Chn		Nzl	70	x	60	Ang
Eua	102	x	56	Nzl		Esp	84	x	64	Chn
Ita	67	x	57	Fra		Aus	65	x	62	Ita
Lit	85	x	75	Nzl		Fra	68	x	63	Can
Chn	85	x	76	Ita		Lit	76	x	63	Iug
Eua	106	x	94	Fra		Eua	85	x	70	Rus
Iug	66	x	60	Rus		Fra	76	x	52	Aus
Can	101	x	90	Aus		Eua	85	x	83	Lit
Esp	64	x	45	Ang		Can	86	xp	83	Rus
Can	99	x	54	Ang		Ita	69	x	59	Iug
Rus	71	x	63	Esp		Lit	89	x	71	Aus
Iug	80	x	66	Aus		Eua	85	x	75	Fra

Média de pontos: 81,6 x 66,8

Cestinha: Andrew Gaze (Aus) – 19,9 pts/jogo



Classificação final (vitórias-derrotas)



1º Estados Unidos (8-0)

2º França (4-4)

3º Lituânia (5-3)

4º Austrália (4-4)

5º Itália (4-3)

6º Iugoslávia (4-3)

7º Canadá (5-2)

8º Rússia (3-4)

9º Espanha (2-4)

10º China (2-4)

11º Nova Zelândia (1-5)

12º Angola (0-6)

ATENAS - 2004

Depois de mais de cem anos de espera Atenas teria novamente a honra de sediar os JO.

A participação estava atrelada aos resultados do Campeonato Mundial realizado em Indianápolis em 2002. Assim sendo Grécia (sede), Sérvia e Montenegro (ex-Iugoslávia e campeã mundial) tiveram suas participações asseguradas. As demais vagas seriam distribuídas para Ásia e África (uma cada), Oceania (duas), Américas (três) e Europa (três).

Apesar de contar com vários astros da NBA os norte-americanos não conseguiram se refazer do grande vexame no mundial de 2002, quando ficaram com o sexto lugar. Foram vencidos por Lituânia e Porto Rico na fase de classificação e depois pela Argentina na semifinal. Outra grande decepção foi a seleção da Sérvia e Montenegro. Campeã Mundial e contando com grandes astros, os sérvios não passaram do décimo primeiro lugar.

A equipe sulamericana com astros como Manu Ginobili, Luis Scola, Anfreas Nocioni, Prigioni, entre outros e comandados por Ruben Magnano surpreendeu o mundo do basquetebol sagrando-se o único campeão olímpico do continente vencendo a Itália na grande final.

Além dos argentinos, grandes astros atuaram nos Jogos de Atenas: Tim Duncan, Allen Iverson e Carmelo Anthony (EUA), Basile e Bulleri (Itália), Jasikevicius e Stombergas (Lituânia), Alvertis, Zizis, Spanoulis e Diamantides (Grécia), Arroyo, Ayuso e Santiago (Porto Rico), Paul Gasol, Calderon, Navarro e Rudy Fernandez (Espanha), Yao Ming (China), Bodiroga e Krstic (Sérvia e Montenegro), Cipriano (Angola), entre outros.

Foram realizados 42 jogos

Ita	71	x	69	Nzl		Eua	89	x	79	Aus
Esp	83	x	58	Chn		Pri	83	x	80	Ang
Arg	83	x	82	Srv		Lit	98	x	76	Gre
Chn	69	x	62	Nzl		Pri	87	x	82	Aus
Srv	74	x	72	Ita		LIt	94	x	90	Eua
Esp	87	x	76	Arg		Gre	88	x	56	Ang
Nzl	90	x	87	Srv		Lit	100	x	85	Aus
Esp	71	x	63	Ita		Eua	89	x	53	Ang
Arg	82	x	57	Chn		Gre	78	x	58	Pri
Esp	76	x	68	Srv		Srv	85	x	62	Ang
Arg	98	x	94	Nzl		Aus	98	x	80	Nzl
Ita	89	x	52	Chn		Eua	102	x	94	Esp
Esp	88	x	84	Nzl		Ita	83	x	70	Pri
Chn	67	x	66	Srv		Arg	69	x	64	Gre
Ita	76	x	75	Arg		Lit	95	x	75	Chn
Lit	78	x	73	Ang		Arg	89	x	81	Eua
Pri	92	x	73	Eua		Ita	100	x	91	Lit
Gre	76	x	54	Aus		Esp	92	x	76	Chn
Aus	83	x	59	Ang		Gre	85	x	75	Pri
Lit	98	x	90	Pri		Eua	104	x	96	Lit
Eua	77	x	71	Gre		Arg	84	x	69	Ita

Média de pontos: 85,7 x 73,3

Cestinha: Pau Gasol (Esp) – 22,4 pts/partida



Classificação final (vitórias-derrotas)



1º Argentin a (6-2)

2º Itália (5-3)

3º Estados Unidos (5-3)

4º Lituânia (6-2)

5º Grécia (4-3)

6º Porto Rico (3-4)

7º Espanha (6-1)

8º China (2-5)

9º Austrália (2-4)

10º Nova Zelândia (1-5)

11º Sérvia e Montenegro (2-4)

12º Angola (0-6)



BEIJING - 2008

Nos JO de Beijing a FIBA determinou nova mudança nos critérios de classificação dos países. China e Espanha (sede e campeão mundial em 2006) estavam garantidas. África, Ásia e Oceania teriam uma vaga cada um. Europa e Américas duas vagas cada um. As três vagas restantes seriam disputadas em um pré-olímpico mundial na Grécia. Neste torneio participaram doze países de acordo com a classificação em seus torneios continentais.

Tentando se refazer dos fracassos nos Jogos de 2004 e no Mundial de 2006 quando foram derrotados pela Grécia na semifinal, os Estados Unidos voltaram aos JO com força total trazendo em sua formação astros como LeBron James, Kobe Bryant, Carmelo Anthony e Cris Paul, liderados pelo técnico Mike Krzyewski. Os americanos venceram com facilidade todos os seus adversários com exceção da Espanha na final.

A Espanha que vinha de uma grande sequência de resultados trazia como equipe base os irmãos Gasol (Pau e Mark), Juan Carlos Navarro, Felipe Reyes e Rudy Fernandez.

Outros grandes astros que também brilharam em Beijing: Scolla, Ginobili, Nocioni e Delfino (Argentina); Marciulis e Jasikevicius (Lituânia); Spanoulis, Printezis e Diamantidis (Grécia); Planinic e Marco Tomas (Croácia); Pat Mills, Bogut e Joe Ingles (Austrália); Yao Ming (China); Vorontsevich, Holden, Kryapa e Kirilenko (Rússia); Dirk Novistky e Damon Green (Alemanha); Cipriano (Angola) e o gigante Haddadi (Irã).

Foram realizados 38 jogos

Rus	71	x	49	Ira		Aus	95	x	80	Rus
Lit	79	x	75	Arg		Lit	86	x	73	Cro
Cro	97	x	82	Aus		Arg	97	x	82	Ira
Ale	95	x	66	Ang		Chn	59	x	55	Ale
Esp	81	x	66	Gre		Eua	119	x	82	Esp
Eua	101	x	70	Chn		Cro	91	x	57	Ira
Lit	99	x	67	Ira		Aus	106	x	75	Lit
Cro	85	x	78	Rus		Gre	91	x	77	Chn
Gre	87	x	64	Ale		Esp	98	x	50	Ang
Esp	85	xp	75	Chn		Eua	106	x	57	Ale
Eua	97	x	76	Ang		Arg	91	x	79	Rus
Arg	85	x	68	Aus		Eua	116	x	85	Aus
Esp	72	x	59	Ale		Esp	72	x	59	Cro
Aus	106	x	68	Ira		Arg	80	x	78	Gre
Chn	85	x	68	Ang		Lit	94	x	68	Chn
Lit	86	x	79	Rus		Eua	101	x	81	Arg
Eua	92	x	69	Gre		Esp	91	x	86	Lit
Arg	77	x	53	Cro		Arg	87	x	75	Lit
Gre	102	x	61	Ang		Eua	118	x	107	Esp

Média de pontos: 91,6 x 71,0

Cestinha: Pau Gasol (Esp) – 27,5 pts/partida



Classificação final (vitórias-derrotas)



1º Estados Unidos (8-0)

2º Espanha (6-2)

3º Argentina (6-2)

4º Lituânia (5-3)

5º Grécia (3-3)

6º Croácia (3-3)

7º Austrália (3-3)

8º China (2-4)

9º Rússia (1-4)

10º Alemanha (1-4)

11º Iran (0-5)

12º Angola (0-5)



Os JO seriam disputados pela terceira vez em Londres. Pelos critérios de classificação participariam Grã-Bretanha (sede) e Estados Unidos (campeão mundial de 2012) um país da África (com a estreia da Tunísia), um país da Ásia, um país da Oceania, dois países das Américas, dois países da Europa e três países classificados no torneio pré-olímpico realizado na Venezuela.

Novamente americanos e espanhóis travariam uma batalha emocionante pelo ouro. A Rússia retornava com força total para obter o bronze. E o Brasil, depois de longa ausência, estava de volta, assim como a Grã-Bretanha que só havia disputado os Jogos em 1948, também por ser a sede da competição.

Os destaques seriam para Kevin Durant, LeBron James, Kobe Bryant e James Harden (EUA); Pau Gasol, Sergi Ibaka, Sérgio Llul e Sérgio Rodriguez (Espanha); Kirilenko, Krhyapa e Fridzon (Rússia); Scola, Ginobili, Campazzo e Leo Gutierrez (Argentina); Batum, Tony Parker e Boris Diaw (França); Pat Mills, Joe Ingles e Mat Dellavedova (Austrália); Marciulis, Jasikevicius e Valanciunas (Lituânia).

Foram realizados 38 jogos

Nig	60	x	56	Tun		Rus	77	x	74	Esp
Bra	75	x	71	Aus		Eua	99	x	94	Lit
Eua	98	x	71	Fra		Bra	98	x	59	Chn
Esp	85	x	71	Chn		Aus	106	x	75	Gbr
Rus	95	x	75	Gbr		Arg	93	x	79	Nig
Arg	102	x	79	Lit		Aus	82	x	80	Rus
Rus	73	x	54	Chn		Lit	76	x	63	Tun
Esp	82	x	70	Aus		Fra	79	x	73	Nig
Bra	67	x	62	Gbr		Gbr	90	x	58	Chn
Lit	72	x	53	Nig		Bra	88	x	82	Esp
Fra	71	x	64	Arg		Eua	126	x	97	Arg
Eua	110	x	63	Tun		Rus	83	x	74	Lit
Fra	82	x	74	Lit		Esp	66	x	59	Fra
Aus	81	x	61	Chn		Arg	82	x	77	Bra
Arg	92	x	64	Tun		Eua	116	x	86	Aus
Rus	75	x	74	Bra		Esp	67	x	59	Rus
Esp	79	x	78	Gbr		Eua	109	x	83	Arg
Eua	156	x	73	Nig		Rus	81	x	77	Arg
Fra	73	x	69	Tun		Eua	107	x	100	Esp

Média de pontos: 88,2 x 71,9

Cestinha: Pat Mills (Aus) – 21,2 pts/partida



Classificação final (vitórias-derrotas)



1º Estados Unidos (8-0)

2º Espanha (5-3)

3º Rússia (6-2)

4º Argentina (4-4)

5º Brasil (4-2)

6º França (4-2)

7º Austrália (3-3)

8º Lituânia (2-4)

9º Grã-Bretanha (1-4)

10º Nigéria (1-4)

11º Tunísia (0-5)

12º China (0-5)

RIO DE JANEIRO - 2016

E finalmente chegamos ao Rio de Janeiro.

Depois de alguma polêmica sobre a participação do Brasil, o país obteve a vaga por ser o país sede juntamente com os Estados Unidos, campeão mundial de 2014. Uma vaga para África, uma para Ásia e uma para Oceania. Duas vagas para as Américas, duas para a Europa e três vagas para os classificados em um torneio pré-olímpico disputado em três sedes por 18 equipes: Belgrado, Manilla e Turim. Somente o campeão de cada sede teria o direito de participar dos JO.

E novamente a equipe americana foi arrasadora. Liderados por Kevin Durant, Klay Thompson, De Andre Jordan e Carmelo Anthony, os americanos obtiveram sua décima quinta medalha de ouro, apesar de algumas dificuldades na fase classificatória contra França, Austrália e Sérvia.

Uma das decepções ficou por conta da Lituânia que, apesar de repetir praticamente a equipe de 2012 foi desclassificada nas quartas de finais perdendo para a Austrália. Antes disto, na fase de grupos, a Lituânia sofreu a sua maior derrota nos JO ao perder da Espanha por 109 x 59.

Destaque para o retorno da Sérvia depois do grande fracasso nos Jogos de 2004 fazendo a final contra os Estados Unidos. Os destaques para: Milos Teodosic, Bogdan Bogdanovic, Raduljica e Marcovic.

Os espanhóis voltaram com sua equipe básica: Gasol, Rudy Fernandez, Sérgio Llul, Mirotic e Rick Rúbio; a Argentina com Scola, Ginobili, Nocioni e o surpreendente Campazzo; Kalnietis e Valanciunas (Lituânia); Tony Parker, Nando de Colo, Batum e Diaw (França); José Vargas (Venezuela); Pat Mills, Tony Parker, Dellavedova e Joe Ingles (Austrália); Bojan Bogdanovic e Dario Saric (Cro); Diogu (Nigéria); J.Yi (China).

Foram realizados 38 jogos.

Aus	87	x	66	Fra		Esp	96	x	87	Nig
Eua	119	x	62	Chn		Lit	81	x	73	Arg
Srv	86	x	62	Vnz		Aus	93	x	68	Chn
Lit	82	x	76	Bra		Eua	94	x	91	Srv
Cro	72	x	70	Esp		Fra	96	x	56	Vnz
Arg	94	x	66	Nig		Arg	111	xp	107	Bra
Aus	95	x	80	Srv		Esp	109	x	59	Lit
Eua	113	x	69	Vnz		Nig	90	x	76	Cro
Fra	88	x	60	Chn		Bra	86	x	69	Nig
Bra	66	x	65	Esp		Esp	92	x	73	Arg
Lit	89	x	80	Nig		Cro	90	x	81	Lit
Arg	90	x	82	Cro		Aus	90	x	64	Lit
Eua	100	x	97	Fra		Esp	92	x	67	Fra
Aus	81	x	55	Vnz		Eua	105	x	78	Arg
Srv	94	x	60	Chn		Srv	86	x	83	Cro
Fra	76	x	75	Srv		Eua	82	x	76	Esp
Eua	98	x	88	Aus		Srv	87	x	61	Aus
Vnz	72	x	68	Chn		Esp	89	x	88	Aus
Cro	80	x	76	Bra		Eua	96	x	66	Srv

Média de pontos: 90,7 x 73,3

Cestinha: Bojan Bogdanovic (Cro) - 25,3 pts/partida.



Classificação final (vitórias-derrotas)



1º Estados Unidos (8-0)

2º Sérvia (4-4)

3º Espanha (5-3)

4º Austrália (5-3)

5º Croácia (3-3)

6º França (3-3)

7º Lituânia (3-3)

8º Argentina (3-3)

9º Brasil (2-3)

10º Venezuela (1-4)

11º Nigéria (1-4)

12º China (0-5)

As finais olímpicas

Em Berlim, americanos e canadenses foram os protagonistas da primeira final olímpica, em um jogo que terminou com o resultado de 19x8 para os Estados Unidos, placar que atualmente seria considerado baixo até para um dos quartos do jogo.

Até 1976 os norte-americanos estiveram presentes em todas as finais, fato que se repetiu em 1984, 1992, 1996, 2000, 2008, 2012 e 2016, sendo que foi contra a União Soviética que os americanos fizeram o maior número de finais, com três vitórias e uma polêmica derrota nos JO de 1972. Contra Iugoslávia e Espanha os norte-americanos fizeram três finais todas com vitória.

Todas as finais com seus cestinhos são citadas a seguir:

1936 – Berlim: Estados Unidos 19 x 8 Canadá.

Fortensberry (Eua) – 8 pts

1948 – Londres: Estados Unidos 65 x 21 França

Groza (Eua) – 11 pts

1952 – Helsinque: Estados Unidos 36 x 25 União

Soviética Clyde Lovelette (Eua) – 9 pts

1956 – Melbourne: Estados Unidos 89 x 65 União

Soviética Jeangerard (Eua) – 16 pts

1960 – Roma – 16 – Não houve final. Houve um quadrangular que terminou com os Estados Unidos com 3 vitórias, União Soviética (2-1); Brasil (1-2) e Itália (0-3).

1964 – Tóquio: Estados Unidos 73 x 59 União

Soviética L. Jackson (Eua) – 17 pts

1968 – México: Estados Unidos 65 x 50

Iugoslávia Spencer Haywood (Eua) – 21 pts

1972 – Munique : União Soviética 51 x 50 Estados

Unidos Sergey Belov (Urss) – 20 pts

1976 – Montrea: Estados Unidos 95 x 74

Iugoslávia Adrian Dantley (Eua) – 30 pts

1980 – Moscou: Iugoslávia 86 x 77 Itália
Villalta (Ita) – 29 pts

1984 – Los Angeles: Estados Unidos 96 x 65 Espanha
M.Jordan (Eua) – 20 pts

1988 – Seoul: União Soviética 76 x 63 Iugoslávia
D.Petrovic (Iug) – 24 pts

1992 – Barcelona: Estados Unidos 117 x 85 Croácia
D.Petrovic (Iug) – 24 pts

1996 – Atlanta: Estados Unidos 95 x 69 Iugoslávia
D.Robinson (Eua) – 28 pts

2000 – Sydney: Estados Unidos 85 x 75 França
Sciarra (Fra) – 19 pts

2004 – Atenas: Argentina 84 x 69 Itália
Scola (Arg) – 25 pts

2008 – Beijing: Estados Unidos 118 x 107 Espanha
D.Wade (Eua) – 27 pts

2012 – Londres: Estados Unidos 107 x 100 Espanha
K.Durant (Eua) – 30 pts

2016 – Rio de Janeiro: Estados Unidos 96 x 66 Sérvia
K.Durant (Eua) – 30 pts

A evolução dos resultados

Em 1936 a final Olímpica terminou com o incrível placar de 19x8 para os Estados Unidos contra a França. A média de pontos acumulados por partida era de 51,8. A média de pontos foi de 32,8 x 19,1.

Evidentemente que os baixos resultados eram consequência direta das regras e da dinâmica do jogo que predominavam naquela época. Exemplo: não havia tempo de posse de bola e a cada cesta a bola era reposta no meio da quadra em bola ao alto. Além disto os jogos eram disputados em quadra aberta, piso de cimento ou terra batida e tabelas de madeira.

Com a modificação das regras, o avanço tecnológico das instalações e materiais, e a evolução das equipes (física, técnica e taticamente) os resultados foram se ampliando chegando ao seu ápice nos Jogos de 1976 quando o resultado acumulado apresentou a média de 177,0 pontos por jogo (97,8 x 79,2). Ressalte-se que nessa competição a regra dos três pontos ainda não era utilizada, o que veio acontecer somente em 1988. Os resultados médios de cada edição do basquetebol masculino nos JO são apresentados a seguir (vencedor x perdedor – acumulado):

1936	32,8 x 19,1 (51,8)	1948	54,3 x 30,9 (85,2)
1952	67,3 x 53,0 (120,3)	1956	81,8 x 59,0 (140,8)
1960	83,0 x 67,0 (150,0)	1964	74,2 x 59,5 (133,7)
1968	81,2 x 62,9 (144,1)	1972	82,4 x 65,1 (147,5)
1976	97,8 x 79,2 (177,0)	*	
1984	92,2 x 75,0 (167,2)	1980	96,7 x 76,3 (173,0)
1992	95,2 x 76,0 (171,2)	1988	96,2 x 76,7 (172,8)
2000	81,6 x 66,8 (148,4)	1996	95,1 x 73,5 (168,6)
2008	91,6 x 71,0 (162,6)	2004	85,7 x 73,3 (159,0)
2016	90,7 x 73,3 (163,9)	Média Geral	81,1 x 63,1 (144,2)

*Maior média de pontos acumulados na história dos JO

Os grandes técnicos

Não só os atletas brilham nos JO. Grandes técnicos também fazem parte da festa, comandando com afinco suas equipes.

Alguns, também participaram dos JO como atletas como é o caso de Alessandro Gamba (Itália), Pedro Chape (Cuba), Mrzazek (Tchecoslováquia), Jay Triano (Canadá) e Panagiotis Giannakis (Grécia), entre outros.

O grande Alexandre Gomelski foi árbitro em 1956.

Dois deles foram técnicos em mais de dois países nos Jogos: Ruben Magnano que em 2004 dirigiu a fantástica equipe da Argentina medalha de ouro e em 2012 e 2016 quando dirigiu o Brasil e Nello Paratore que dirigiu o Egito em 1952 e a Itália em 1960, 1964 e 1968.

Muitos tiveram uma única oportunidade mas deixaram suas marcas não só nos JO mas, principalmente, dirigindo suas equipes e seleções em outros eventos. Podemos citar: Mike Krzyewski, Bobby Knight e Pete Newell (Estados Unidos), Giancarlo Primo e Alessandro Gamba (Itália), Manuel Saenz (Espanha), Flor Melendez (Porto Rico), Jack Donohue (Canadá).

O recordista em participações em JO é o espanhol Antonio Diaz Miguel. Foram seis edições dirigindo a Espanha: 1968, 1972, 1976, 1980, 1984, 1988 e 1992. Foram 49 jogos com 26 vitórias e 23 derrotas.

A relação de técnicos que dirigiram suas seleções por duas vezes ou mais, a partir de 1952 é demonstrada no quadro 4. Os registros dos técnicos que atuaram nos JO de 1936 e 1948 é incompleto dificultando a tabulação de dados.

Quadro 4: Técnicos que dirigiram duas ou mais vezes nos Jogos Olímpicos (JO); número de jogos (NJ), vitórias (V) e derrotas (D)

Técnicos	País	JO	NJ	V	D	%
Antonio Diaz Miguel	Espanha	68 72 80 84 88 92	49	26	23	53,1
Alexandr Gomelski	União Soviética	64 68 80 88	34	29	5	85,3
Lindsay Gaze	Austrália	72 76 80 84	31	16	15	51,6
Hank Iba	Estados Unidos	64 68 72	28	27	1	96,4
Mike Krzyewsky	Estados Unidos	08 12 16	24	24	0	100,0
Nelo Paratore*	Egito – Itália	52 - 60 64 68	29	16	13	55,2
Renato Brito Cunha	Brasil	64 68 84	25	15	10	60,0
Ruben Magnano**	Argentina – Brasil	04 - 12 16	19	12	7	63,2
Adrian Hurley	Austrália	88 92	16	8	8	50,0
Alexandar Nikolic	Iugoslávia	60 64	17	10	7	58,8
Ary Vidal	Brasil	88 96	16	8	8	50,0
Barry Barnes	Austrália	96 00	16	9	7	56,3
David Blat	Rússia	08 12	13	7	6	53,8
Lou Rossini	Porto Rico	64 68	18	10	8	55,6
M.Maeda	Japão	56 60	14	3	11	21,4
Mirko Novosel	Iugoslávia	76 84	16	12	3	75,0
Panagiotis Giannakis	Grécia	04 08	13	7	6	53,8
Petar Skanski	Croácia	92 96	16	10	6	62,5
Ranko Zeravika	Iugoslávia	72 80	17	15	2	88,2
Robert Busnel	França	52 56	16	9	7	56,3
Sérgio Hernandez	Argentina	08 16	14	9	5	64,3
Sérgio Scariolo	Espanha	12 16	16	10	6	62,5
Togo Renan Soares	Brasil	60 72	17	11	6	64,7
Vincent Collet	França	12 16	12	7	5	58,3
Vladas Garatas	Lituânia	92 96	16	11	5	68,8
Vladimir Heger	Tchecoslováquia	72 76	16	7	9	43,8
Vladimir Kon-dranshin	União Soviética	72 76	16	15	1	93,8
Zelimir Obradovic	Iugoslávia	96 00	15	11	4	73,3

*Nello Paratore dirigiu o Egito em 1952 e a Itália em 1960/64/68

**Ruben Magnano dirigiu a Argentina em 2004 e o Brasil em 2012/16



*O Brasil nos
Jogos Olímpicos*

História e números

O basquetebol masculino brasileiro participou de 15 edições dos JO. Depois de ter participado de 1936 a 1972, em 1976 o Brasil foi desclassificado no torneio pré-olímpico, voltando em 1980 através de um convite devido ao boicote aos Jogos de Moscou, já que também naquele ano o país não havia se classificado.

Depois de participar das edições de 1980 a 1996 ininterruptamente, nosso basquetebol masculino ficou ausente de três edições seguidas dos Jogos (2000, 2004 e 2008) para retornar em 2012 depois de obter uma emocionante classificação no Torneio Pré-Olímpico realizado na Argentina, vencendo a equipe da República Dominicana na semifinal daquele torneio.

Em 2016, como sede dos JO, o Brasil esteve presente, mas com uma campanha decepcionante (2 vitórias e 3 derrotas) que o eliminou já na primeira fase da competição.

Nossas participações são relatadas a seguir. As vitórias são destacadas em negrito. Após o nome de cada atleta aparece o número de jogos que participou e os pontos feitos.



A participação brasileira nos JO aconteceu já na primeira edição, em 1936. Naquela época não havia uma classificação definida a partir do 9º. Lugar e o Brasil ficou entre 9º e 14º lugar com uma vitória e três derrotas. Não foi computada a vitória por WO contra a Hungria pois esta não compareceu aos JO. “em quadra” o Brasil ainda se beneficiou da ausência da Hungria, vencendo um dos 11 jogos definidos por WO na história dos JO.

Jogos

Brasil 32 x 14 China

Brasil 17 x 24 Canadá

Brasil 18 x 23 Chile

Brasil 25 x 33 Polônia

Média de pontos: 23,0 x 23,5.

Equipe (jogos-pts*): Ary dos Santos – Pavão, Carmino de Pila, José Alonso Zelaya, Luiz Nunes – Cacau, Miguel Pedro, Nelson Monteiro de Souza , Waldemar Gonçalves – Coroa, Aloisio Accioly – Baiano, Américo Montanarini e Armando Albano.

Técnico: Arno Frank

- Os registros de número de jogos e pontos dos atletas são inconsistentes



Nos JO de Londres, o Brasil conseguiu o primeiro grande feito do basquetebol nacional. Com uma equipe comandada pelo mestre Moacyr Daiuto nossa equipe obteve a medalha de bronze, a primeira de um esporte coletivo para o Brasil. Foram sete vitórias e somente uma derrota.

Jogos

Brasil 45 x 41 Hungria (39x39 no tempo normal)

Brasil 36 x 32 Uruguai

Brasil 76 x 11 Grã Bretanha

Brasil 57 x 35 Canadá

Brasil 47 x 31 Itália

Brasil 28 x 23 Tchecoslováquia

Brasil 33 x 43 França (semifinal)

Brasil 52 x 47 México (disputa do 3º lugar)

Média de pontos: 46,8 x 33,6

Equipe (jogos – pts): Afonso Évora (4-9), Alberto Marson (4-0), Alexandre Gemignani (7-10), Alfredo da Motta (8-115), João Francisco Braz (8-49), Marcus Vinicius (8-18), Massinet Sorcinelli (8-33), Nilton Pacheco (7-36), Ruy de Freitas (8-37) e Zenny de Azevedo – Algodão (8-67).

Técnico: Moacyr Daiuto



Classificado para os Jogos de Helsinki devido ao 3º lugar obtido em Londres, o Brasil se apresentou com uma equipe mesclada de alguns dos medalhistas de 1948 e novos atletas.

Foram 4 vitórias e 4 derrotas. O Brasil obteve a 6ª colocação.

Jogos

Brasil 57 x 55 Canadá

Brasil 71 x 52 Filipinas

Brasil 56 x 72 Argentina

Brasil 75 x 44 Chile

Brasil 49 x 54 União Soviética

Brasil 53 x 57 Estados Unidos

Brasil 59 x 44 França

Brasil 49 x 58 Chile (disputa do 5º lugar)

Média de pontos: 58,6 x 54,5

Equipe (jogos-pts): Alfredo da Motta (8-102), Ângelo Bonfietti – Angelin (8-90), José Luiz Azevedo – Zé Luiz (6-63), Algodão (8-60), Mário Jorge (8-46), Tales Monteiro (8-43), Raymundo Carvalho (5-21), Almir de Almeida (8-20), Mayr Facci (6-8), Hermes Pereira – Godinho (3-6), Sebastião Gimenez – Tião (2-5), Ruy de Freitas (4-4), João Francisco Braz (3-1)

Técnico: Manuel Pitanga



Para os JO de Melbourne o Brasil começava a criar a geração conhecida como “geração de ouro” do nosso basquetebol. Além dos já consagrados Algodão, Mayr, Angelin e Zé Luiz, nossa equipe se apresentava com novos valores como Amaury Pasos, Wlamir Marques e Edson Bispo dos Santos. Um atleta do basquetebol, Wilson Bombarda, teve a honra de ser o porta bandeira da equipe olímpica brasileira.

O Brasil disputou sete jogos e obteve três vitórias ficando com a 6ª colocação.

Jogos

Brasil 78 x 59 Chile

Brasil 89 x 66 Austrália

Brasil 68 x 87 União Soviética

Brasil 51 x 113 Estados Unidos

Brasil 73 x 82 Bulgária

Brasil 89 x 64 Chile

Brasil 52 x 64 Bulgária (disputa do 5º lugar)

Média de pontos: 71,4 x 76,4

Equipe (jogos-pts): Amaury Pasos (6-24), Angelin (7-71), Edson Bispo (7-76), Fausto Sucena (6-16), Jamil Jedeão (7-31), Jorge Dortas (7-63), Zé Luiz (1-4), Mayr Facci (5-10), Nelson Couto (5-8), Wilson Bombarda (2-2), Wlamir Marques (7-120), Algodão

Técnico: Mário Amâncio Duarte(7-75)



Após o título mundial de 1959, o Brasil chegava a Roma como uma das grandes potências do basquetebol mundial. Trazendo de volta alguns atletas que atuaram em 1956 e outros nomes que fariam parte da “geração de ouro” do nosso basquetebol, nossa seleção obteve a segunda medalha de bronze sob o comando do polêmico Togo Renan Soares, o “Kanelá”. Foram seis vitórias e duas derrotas

Jogos

Brasil 75 x 72 Porto Rico

Brasil 58 x 54 União Soviética

Brasil 80 x 72 México (61 x 61 no tempo normal)

Brasil 78 x 75 Itália (70 x 70 no tempo normal)

Brasil 77 x 68 Polônia

Brasil 85 x 78 Tchecoslováquia

Brasil 62 x 64 União Soviética

Brasil 63 x 90 Estados Unidos

Média de pontos: 72,3 x 71,6

Equipe (jogos-pts): Amaury Pasos (8-145), Wlamir Marques (8-147), Antonio Salvador Succar (7-46), Carlos Domingos Massoni – Mosquito (6-20), Carmo de Sousa – Rosa Branca (8-38), Edson Bispo dos Santos (7-50), Fernando de Freitas - Brobró (1-4), Jatyr Schall (5-23), Moisés Blás (4-2), Waldemar Blatkauskas (8-63), Waldyr Boccardo (3-2) e Algodão (5-22).

Técnico: Togo Renan Soares (Kanelá)



Com praticamente a mesma base de 1960 e de 1963 quando conquistamos o bicampeonato mundial, o Brasil obteve sua terceira medalha de bronze. Foram seis vitórias e três derrotas, sendo uma delas contra o Peru logo na estreia. Em Tóquio o Brasil traria grandes novidades em seu elenco. Atletas como Sérgio Macarrão, Fritz, Victor e José Edvar Simões trariam grande qualidade a já consagrada equipe brasileira. Mas a principal novidade era a presença de um jovem pivô que se destacou no basquetebol nacional e internacional pela sua garra e entrega: Ubiratan Pereira Maciel. E pela segunda vez o basquetebol teria o porta-bandeira da delegação brasileira: Wlamir Marques.

Jogos

Brasil 50 x 58 Peru

Brasil 68 x 64 Iugoslávia

Brasil 92 x 65 Coreia do Sul

Brasil 61 x 54 Finlândia

Brasil 80 x 68 Uruguai

Brasil 53 x 86 Estados Unidos

Brasil 69 x 57 Austrália

Brasil 47 x 53 União Soviética

Brasil 76 x 60 Porto Rico (disputa de 3º lugar)

Média de pontos: 66,2 x 62,8

Equipe (jogos-pts): Amaury Pasos (9-94); Wlamir Marques (9-128), Ubiratan (9-88), Victor Mirshauskas (9-56), Rosa Branca (8-51), Mosquito (9-39), Succar (9-37), Jathyr (8-35), Edson Bispo (9-33), José Edvar Simões (3-16), Friederchi Braun – Fritz (5-11), Sérgio Machado – Macarrão (6-8).

Técnico: Renato Brito Cunha



Bronze em Tóquio, vice-campeão mundial em 1967, no Uruguai, o Brasil chegava no México como um dos candidatos a uma medalha olímpica. Mas isto não aconteceu devido a uma derrota para a União Soviética na disputa do 3º lugar. Mas, de qualquer forma, o Brasil mantinha-se no topo do basquetebol mundial dividindo as honras com Estados Unidos, União Soviética e uma Iugoslávia que começava a se destacar no cenário mundial. Sem astros como Amaury, Jathyr, Victor e com algumas novidades como Hélio Rubens, Menon, José Geraldo, Joy e Scarpini em seu plantel, o Brasil realizou nove partidas com seis vitórias.

Jogos

Brasil 98 x 52 Marrocos

Brasil 75 x 59 Bulgária

Brasil 60 x 53 México

Brasil 88 x 51 Polônia

Brasil 91 x 59 Coreia do Sul

Brasil 84 x 68 Cuba

Brasil 65 x 76 União Soviética

Brasil 63 x 75 Estados Unidos

Brasil 53 x 70 União Soviética (disputa de 3º lugar)

Média de pontos: 75,2 x 62,6

Equipe (jogos-pts): Wlamir Marques (9-142), Ubiratan (9-133), Luiz Cláudio Menon (9-120), José Edvar (8-69), Rosa Branca (9-55), Mosquito (9-52), Sérgio Macarrão (8-29), Hélio Rubens (7-23), Succar (9-21), Celso Scarpini (5-17), José Aparecido dos Santos – Joy (4-3), José Geraldo (4-0)

Técnico: Renato Brito Cunha



O Brasil participou dos Jogos de Munique em função de ter se classificado entre os quatro primeiros colocados em 1968. Novamente a equipe era mesclada de jogadores com grande experiência em outras competições olímpicas e jovens que se destacavam no cenário nacional como o caso de Marquinhos Abdalah, Adilson, Fransérgio e Dodi.

O Brasil realizou uma campanha razoável, terminando em sétimo lugar com cinco vitórias e quatro derrotas. E pela terceira vez o basquetebol teria o porta bandeiras da delegação brasileira: Luz Cláudio Menon.

Jogos

Brasil 110 x 55 Japão

Brasil 110 x 84 Egito

Brasil 72 x 69 Espanha

Brasil 54 x 61 Estados Unidos

Brasil 83 x 82 Tchecoslováquia

Brasil 69 x 75 Austrália

Brasil 63 x 64 Cuba

Brasil 83 x 87 Porto Rico

Brasil 87 x 69 Tchecoslováquia (disputa do 7º lugar)

Média de pontos: 81,2 x 71,8

Equipe (jogos-pts): Marquinhos Abdalah (9-144), Ubiratan (9-134), Hélio Rubens (9-107), Adilson Nascimento (9-98), Menon (8-94), Wahington Joseph – Dodi (9-70), Fransérgio Garcia (6-29), Joy (6-20), Radvilas Gorauskas (2-17), Mosquito (6-11), José Geraldo (3-0), José Edvar (0-0).

Técnico: Togo Renan Soares (Kanela)

Assistente: Pedro Murilla Fuentes (Pedroca)



Depois da não classificação para os JO de Montreal, em 1976, o Brasil retornou ao cenário olímpico devido ao boicote americano e países aliados aos Jogos de Moscou. O Brasil não havia se classificado no torneio pré-olímpico realizado em Hamilton mas as vagas deixadas por Estados Unidos e Canadá fizeram com que a equipe brasileira recebesse o convite para participar.

Com o técnico Cláudio Mortari, o mundo veria o surgimento de uma das mais importantes duplas do basquetebol – Oscar Schmidt e Marcel de Souza. Apostando em muitas novidades o Brasil obteve um honroso quinto lugar*, com 4 vitórias e 3 derrotas.

Jogos

Brasil 72 x 70 Tchecoslováquia

Brasil 88 x 101 União Soviética

Brasil 137 x 64 Índia

Brasil 94 x 93 Cuba

Brasil 91 x 110 Espanha

Brasil 90 x 77 Itália

Brasil 95 x 96 Iugoslávia

*não houve disputa de quinto lugar. A classificação de 5º a 12º foi feita considerando a campanha total dos países.

Média de pontos: 93,9 x 87,3

Equipe (jogos-pontos): Oscar Schmidt (7-169), Marquinhos (7-123), Marcel de Souza (7-120), Milton Setrini Jr. – Carioquinha (7-104), Adilson (7-64), Gilson Trindade (7-26), Marcelo Vido (6-22), José Carlos Saiani (5-17), Wagner Machado (3-6), André Stoffel (1-4), Ricardo Cardoso Guimarães – Cadum (2-0), Luis Gustavo Lage (0-0)

Técnico: Cláudio Mortari

Assistente: Pedro Murilla Fuentes (Pedroca)



Para chegar aos JO de Los Angeles, o Brasil precisou participar do Torneio Pré Olímpico das Américas que foi realizado em São Paulo. Com uma campanha invicta (8 vitórias) nossa equipe venceu o referido torneio e obteve sua vaga para os Jogos.

Com praticamente a mesma equipe, mas com a volta de Renato Brito Cunha no comando da seleção, o Brasil não repetiu a mesma campanha dos Jogos anteriores e terminou na 9^a colocação com 3 vitórias e 4 derrotas.

Jogos

Brasil 72 x 76 Austrália

Brasil 91 x 82 Egito

Brasil 78 x 89 Itália

Brasil 85 x 98 Iugoslávia

Brasil 75 x 78 Alemanha

Brasil 100 x 86 França

Brasil 86 x 76 China

Média de pontos: 83,9 x 83,6

Equipe (jogos-pts): Oscar (7-169), Israel (7-87), Marcel (7-76), Marquinhos (7-61), Nilo (7-58), Cadum (7-40), Sílvio (6-26), Gerson (7-21), Adilson (7-19), Agra (2-2), Marcelo Vido (4-0).

Técnico: Renato Brito Cunha

Assistente: José Medalha



A classificação para os Jogos de Seul foi obtida no Pré Olímpico das Américas, realizado no Uruguai. O Brasil se sagrou campeão de forma invicta, com 8 vitórias.

Nesses jogos o Brasil converteu mais de 100 pontos em sete de seus oito jogos. Bateu o recorde de pontos acumulados em uma partida contra a China (130 x 108), bateu o recorde de pontos feitos em um único jogo (138 contra o Egito) e ainda teve o cestinha da competição – Oscar com média de 42,3 pontos por partida (a maior da história dos JO). Oscar ainda marcou 55 pontos na derrota para a Espanha (110 x 118), também a maior pontuação individual na história dos Jogos.

O Brasil obteve o 5º lugar com cinco vitórias e três derrotas.

Jogos

Brasil 125 x 109 Canadá

Brasil 130 x 108 China

Brasil 87 x 102 Estados Unidos

Brasil 138 x 85 Egito

Brasil 110 x 118 Espanha

Brasil 105 x 110 União Soviética

Brasil 104 x 86 Porto Rico

Brasil 106 x 90 Canadá (disputa do 5º lugar)

Média de pontos: 113,1 x 101,0

Equipe (jogos-pts): Oscar (8-338), Marcel (8-134), Israel (8-89), Gerson (8-85), Paulinho Villas Boas (7-81), Maury de Souza (8-41), Rolando Ferreira (8-39), João José Viana – Pipoka (7-38), Luiz Felipe Azevedo (3-30), Jorge Guerra – Guerrinha (8-16), Cadum (7-8), Paulo Cezar (4-6).

Técnico: Ary Ventura Vidal

Assistente: José Medalha



Nossa classificação foi obtida no pré-olímpico das Américas, realizado em Portland (Estados Unidos). O Brasil ficou com a terceira vaga, atrás de Estados Unidos e Venezuela. Foram 5 vitórias e 1 derrota. O Brasil enfrentaria o 'dream team' na fase de classificação. Foi nosso quarto jogo. O Brasil saiu derrotado por 127x83. Nossa equipe comandada por José Medalha trazia somente duas novidades em relação à equipe de 1988: Josuel e Fernando Minucci.

Foram quatro vitórias e quatro derrotas o que nos garantiram um novo 5º lugar.

Jogos

Brasil 76 x 93 Croácia

Brasil 100 x 101 Espanha

Brasil 76 x 66 Angola

Brasil 83 x 127 Estados Unidos

Brasil 85 x 76 Alemanha

Brasil 96 x 114 Lituânia

Brasil 86 x 84 Porto Rico

Brasil 70 x 60 Austrália (disputa do 5º lugar)

Média de pontos: 86,5 x 92,6

Equipe (jogos-pts): Oscar (8-198), Paulinho Villas Boas (8-137), Pipoka (8-64), Gerson (8-60), Josuel (7-48), Marcel (8-47), Maury (8-45), Israel (8-45), Guerrinha (8-23), Fernando Minucci (7-13), Rolando (5-8), Cadum (6-6).

Técnico: José Medalha

Assistente: Mike Frink



A vaga para os JO de Atlanta foi obtida com o terceiro lugar no pré-olímpico realizado na Argentina. O Brasil venceu cinco dos dez jogos disputados. Com muitas novidades e a volta dos veteranos Oscar, Pipoka e Josuel o Brasil obteve a 6ª colocação com três vitórias e cinco derrotas. Esses Jogos marcaram a despedida de Oscar da Seleção Brasileira no confronto contra a Grécia na disputa pelo quinto lugar.

Nos JO de Atlanta o Brasil obteve a 6ª colocação.

Jogos

Brasil 101 x 98 Porto Rico

Brasil 87 x 89 Grécia

Brasil 101 x 109 Austrália (82x82 no tempo normal e 92x92 na primeira prorrogação)

Brasil 82 x 101 Iugoslávia

Brasil 127 x 97 Coreia do Sul

Brasil 80 x 74 Croácia

Brasil 75 x 98 Estados Unidos

Brasil 72 x 91 Grécia (disputa de 5º lugar)

Média de pontos: 90,6 x 94,6

Equipe (jogos-pontos): Oscar (8-219), Josuel (7-83), Rogério Klafke (8-83), Minucci (8-73), Pipoka (8-51), Joelcio Klafke – Janjão (8-50), André Fonseca – Ratto (8-43), Caio Cazziolato (5-41), Demétriu Ferraciú (8-24), Antonio Nogueira Santana – Tonico (5-23), Caio Silveira (4-4).

Técnico: Ary Ventura Vidal

Assistente: Carlos Alberto Rodrigues (Carlão)



Foram dezesseis longos anos de espera. A ausência em três edições dos JO muitos prejuízos ao basquetebol brasileiro. Algumas gerações de bons jogadores foram prejudicadas. Mas, em 2012, o Brasil voltaria a ser um país olímpico no basquetebol. Em 2011, disputando o pré-olímpico em Mar Del Plata (Argentina) o Brasil conseguiu a classificação para os Jogos depois de uma dramática vitória sobre a República Dominicana (83 x 76). Nossa equipe era comandada por um campeão olímpico, o argentino Ruben Magnano e trazia no elenco atletas que atuavam na NBA, na Europa e também no NBB Brasil.

A campanha do Brasil foi muito boa – 4 vitórias e 2 derrotas e apesar de não haver disputa direta, nossa seleção terminou em 5º lugar.

Jogos

Brasil 75 x 71 Austrália

Brasil 67 x 62 Grã Bretanha

Brasil 98 x 59 China

Brasil 88 x 82 Espanha

Brasil 74 x 75 Rússia

Brasil 77 x 82 Argentina

Média de pontos: 79,8 x 71,8

Equipe (jogos-pts): Leandro Barbosa – Leandrinho (6-97), Marcelo Huertas (6-68), Tiago Splitter (6-65), Anderson Varejão (6-44), Nenê Hilário (5-35), Guilherme Giovannonni (6-30), Larry Taylor (6-27), Alex Garcia (6-24), Marcelo Machado – Marcelinho (6-23), Caio Torres (3-12), Raul Togni Neto – Raulzinho (3-11).

Técnico: Ruben Magnano

Assistente: José Neto



Como país sede, o Brasil adquiriu o direito de disputar os JO do Rio de Janeiro. Depois de boas campanhas no Jogos de Londres e na Copa do Mundo realizada na Espanha, o Brasil era considerado um dos prováveis medalhistas.

No entanto, nossa equipe com importantes desfalques (Tiago Splitter e Anderson Varejão) decepcionou e foi desclassificada ainda na fase inicial da competição ficando em 9º lugar com apenas 2 vitórias em cinco jogos.

Jogos

Brasil 76 x 82 Lituânia

Brasil 66 x 65 Espanha

Brasil 76 x 80 Croácia

Brasil 107 x 111 Argentina (85x85 no tempo normal e 95x95 na primeira prorrogação)

Brasil 86 x 69 Nigéria

Média de pontos: 82,2 x 81,5

Equipe (jogos-pts): Nenê (5-65), Leandrinho (5-59), Huertas (5-52), Alex (5-46), Marcus Vinícius – Marquinhos (5-40), Vitor Benite (5-39), Augusto Lima (4-26), Guilherme Giovannonni (5-24), Raulzinho (5-21), Cristiano Felicio (5-15), Rafael Luz (2-0).

Técnico: Ruben Magnano

Assistente: José Neto

O quadro 5 mostra um resumo da participação brasileira nos JO.

Quadro 5: resumo da participação brasileira nos JO: ano, classificação (CL), média de pontos a favor (PF), média de pontos contra (PC), vitórias (V) e derrotas (D)

Ano	CL	PF	PC	V	D
1936	90 - 140	23	23,5	1	3
1948	30	46,8	33,6	7	1
1952	60	58,6	54,5	4	4
1956	60	71,4	76,4	3	4
1960	30	72,3	71,6	6	2
1964	30	66,2	62,8	6	3
1968	40	75,2	62,6	6	3
1972	70	81,2	71,8	5	4
1980	50	93,9	87,3	4	3
1984	90	83,9	83,6	3	4
1988	50	113,1	101	5	3
1992	50	86,5	92,5	4	4
1996	60	90,6	94,6	3	5
2012	50	79,8	71,8	4	2
2016	90	82,2	81,5	2	3

Resumo geral:

Média de pontos a favor: 76,3

Média de pontos contra: 72,3

Vitórias: 63

Derrotas: 48

Os Adversários - curiosidades

O Brasil enfrentou 35 países, dos cinco continentes, em sua trajetória olímpica. Foram 63 vitórias e 48 derrotas, não considerada a vitória por WO contra a Hungria em 1936.

O quadro 6 mostra todos os confrontos do Brasil por continente.

Quadro 6: confrontos do Brasil por continente

Continente	País	V	D	Continente	País	V	D
África	Angola	1	0	Europa	Alemanha	1	1
	Egito	3	0		Bulgária	1	2
	Marrocos	1	0		Croácia	1	2
	Nigéria	1	0		Espanha	3	3
	Total	6	0		Finlândia	1	0
					França	2	1
Ásia	China	4	0		Grã Bretanha	2	0
	Coreia do Sul	3	0		Grécia	0	2
	Filipinas	1	0		Hungria	1	0
	Índia	1	0		Itália	3	1
	Japão	1	0		Iugoslávia	1	3
	Total	10	0		Lituânia	0	2
					Polônia	2	1
América	Argentina	0	3		Rússia	0	1
	Canadá	4	1		Tchecoslováquia	5	0
	Chile	3	2		União Soviética	1	8
	Cuba	2	1		Total	24	27
	Estados Unidos	0	9				
	México	3	0	Oceania	Austrália	4	3
	Peru	0	1		Total	4	3
	Porto Rico	5	1				
	Uruguai	2	0				
	Total	19	18		Total Geral	63	48

Nossos rapazes olímpicos – medalhistas

Cento e nove atletas tiveram a honra de representar o Brasil nas competições de basquetebol nos JO. Desses, vinte e quatro subiram ao pódio nas conquistas das medalhas de bronze em 1948, 1960 e 1964.

Oito atletas conquistaram o bronze por duas vezes:

Zenny Azevedo - Algodão	(1948 - 1960)
Amaury Pasos	(1960 – 1964)
Wlamir Marques	(1960 – 1964)
Carlos Domingos Massoni – Mosquito	(1960 – 1964)
Carmo de Souza – Rosa Branca	(1960 – 1964)
Edson Bispo dos Santos	(1960 – 1964)
Jatyr Schall	(1960 – 1964)
Antonio Salvador Succar	(1960 – 1964)

A relação completa dos medalhistas olímpicos é mostrada a seguir:

1948

Évora, Alberto Marson, Alexandre Gemignani, Alfredo da Motta, João Francisco Braz, Marcus Vinícius, Massinet, Nilton Pacheco, Ruy de Freitas e Zenny Azevedo (Algodão). Técnico: Moacyr Brondi Daiuto

1960

Zenny Azevedo (Algodão), Amaury Pasos, Wlamir Marques, Blás, Carlos Domingos Massoni (Mosquito), Fernando Freitas (Brobó), Carmos de Souza (Rosa Branca), Jatyr Schall, Edson Bispo dos Santos, Antonio Salvador Succar, Waldir Boccardo e Waldemar Blatkauskas. Técnico: Togo Renan Soares - Kanela

1964

Amaury Pasos, Wlamir Marques, Ubiratan Pereira Maciel, Carlos Domingos Massoni (Mosquito), Oto Fritz, Carmo de Souza (Rosa Branca), Jatyr Schall, Edson Bispo dos Santos, Antonio Salvador Succar, Victor Mirshaukas, Sérgio Machado (Sérgio Macarrão) e José Edvar Simões. Técnico: Renato Brito Cunha.

Os 109 atletas olímpicos brasileiros são mostrados no quadro 7, com o número de participações, número de jogos, pontos e média de pontos. A classificação foi feita pelo número de participações.

Quadro 7 – atletas que participaram dos JO com número de participações (P), ano (A), número de jogos (J), pontos (PTS) e média de pontos (M)

Atleta	P	A	J	Pts	M
Adilson Nascimento	3	72, 80, 84	23	179	7,8
Afonso Évora	1	48	4	9	2,3
Alberto Marson	1	48	4	0	0,0
Alex Garcia	2	12 16	11	70	6,4
Alexandre Gemignani	1	48	7	10	1,4
Alfredo Da Motta	2	48 52	16	217	13,6
Almir de Almeida	1	52	8	20	2,5
Aloysio Accioly Neto (Baiano)	1	36	4	0	0,0
Amaury Pasos	3	56 60 64	23	263	11,4
Américo Montanarini	1	36	4	0	0,0
Anderson Varejão	1	12	6	44	7,3
André Guimarães Fonseca (Rato)	1	96	8	43	5,4
André Stoffel	1	80	2	4	2,0
Ângelo Bonfietti (Angelin)	2	52 56	15	161	10,7
Antonio Nogueira Santana (Tonico)	1	96	4	23	5,8
Antonio Salvador Succar	3	60 64 68	25	104	4,2
Aristides Josuel dos Santos (Josuel)	2	92 96	14	131	9,4
Armando Albano	1	36	4	0	0,0
Ary dos Santos Furtado (Pavão)	1	36	1	0	0,0
Augusto Lima	1	16	4	26	6,5
Caio Cazziolato	1	96	5	41	8,2
Caio Silveira	1	96	4	4	1,0
Caio Torres	1	12	3	12	4,0
Carlos Domingos Massoni (Mosquito)	4	60 64 68 72	29	120	4,1
Carlos Henrique do Nascimento (Olívia)	1	96	7	31	4,4
Carmino de Pila	1	36	4	0	0,0
Carmo de Souza (Rosa Branca)	3	60 64 68	25	146	5,8
Celso Scarpini	1	68	6	17	2,8
Cristiano Felício	1	16	5	15	3,0
Demétrius Ferraciú	1	96	8	24	3,0
Edson Bispo dos Santos	3	56 60 64	24	192	8,0
Eduardo Agra	1	84	1	2	2,0
Fausto Sucena	1	56	6	16	2,7

Fernando Freitas (Brobró)	1	60	0	0	0,0
Fernando Minucci	2	92 96	15	86	5,7
Fransérgio Garcia	1	72	5	29	5,8
Friedrich Braun (Fritz)	1	64	6	11	1,8
Gerson Victalino	3	84 88 92	23	166	7,2
Gilson Trindade de Jesus	1	80	7	26	3,7
Guilherme Giovannonni	2	12 16	11	54	4,9
Hélio Marques Pereira (Godinho)	1	52	3	1	0,3
Hélio Rubens Garcia	2	68 72	16	130	8,1
Israel Machado	3	84 88 92	23	221	9,6
Jamil Jedão	1	56	7	31	4,4
Jatyr Schall	2	60 64	12	47	3,9
João Francisco Bráz	2	48 52	12	50	4,2
João José Viana (Pipoka)	3	88 92 96	23	153	6,7
Joelcio Joerke (Janjão)	1	96	8	50	6,3
Jorge Dortas	1	56	7	63	9,0
Jorge Guerra (Guerrinha)	2	88 92	13	39	3,0
José Aparecido dos Santos (Joy)	2	68 72	12	33	2,8
José Carlos Saiani	1	80	6	17	2,8
José Edvar Simões	3	64 68 72	12	85	7,1
José Geraldo de Castro	2	68 72	7	10	1,4
José Luiz dos Santos Azevedo	2	52 56	7	67	9,6
José Osacar Alonso (Zelaya)	1	36	0	0	0,0
Larry Taylor	1	12	6	27	4,5
Leandro Barbosa (Leandrinho)	2	12 16	11	156	14,2
Luiz Barros Nunes (Cacau)	1	36	0	0	0,0
Luiz Cláudio Menon	2	68 72	17	214	12,6
Luiz Felipe Azevedo	1	88	5	30	6,0
Luiz Gustavo Lages	1	80	1	0	0,0
Marcel de Souza	4	80 84 88 92	29	377	13,0
Marcelo Huertas	2	12 16	11	120	10,9
Marcelo Machado (Marcelinho)	1	12	6	23	3,8
Marcelo Vido	2	80 84	10	22	2,2
Marcos Abdalah Leite (Marquinhos)	3	72 80 84	23	328	14,3
Marcus Dias	1	48	8	18	2,3
Marcus Vinícius (Marquinhos)	2	12 16	11	83	7,5
Mário Jorge Hermes	1	52	8	46	5,8
Massinet Sorcinelli	1	48	8	33	4,1

Maury de Souza	2	88 92	14	84	6,0
Mayr Facci	2	52 56	12	18	1,5
Miguel Pedro	1	36	4	6	1,5
Milton Setrini Junior (Carioquinha)	2	80 84	13	130	10,0
Moyses Blás	1	60	3	2	0,7
Nelson Couto	1	56	5	8	1,6
Nelson Monteiro de Souza	1	36	4	0	0,0
Nenê Hilário	2	12 16	10	100	10,0
Nilo Guimarães	1	84	7	58	8,3
Nilton Pacheco	1	48	7	36	5,1
Oscar Schimidt	5	80 84 88 92 96	38	1093	28,8
Paulo Cesar da Silva	1	88	4	6	1,5
Paulo Villas Boas	2	88 92	15	218	14,5
Radvilas Gourauskas	1	72	3	19	6,3
Rafael Hettsheimer	1	16	5	21	4,2
Rafael Luz	1	16	2	0	0,0
Raul Togni Neto (Raulzinho)	2	12 16	8	35	4,4
Raymundo Carvalho dos Santos	1	52	7	21	3,0
Ricardo Cardoso Guimarães (Cadum)	4	80 84 88 92	21	56	2,7
Rogério Klafke	1	96	8	83	10,4
Rolando Ferreira Junior	2	88 92	11	47	4,3
Ruy de Freitas	2	48 52	12	41	3,4
Sebastião Gimenez Amorim (Tião)	1	52	6	8	1,3
Sérgio Machado (Sérgio Macarrão)	2	64 68	14	37	2,6
Silvio Malvezzi	1	84	6	28	4,7
Thales Monteiro	1	52	8	43	5,4
Tiago Splitter	1	12	6	65	10,8
Ubiratan Pereira Maciel (Bira)	3	64 68 72	27	356	13,2
Vitor Benite	1	16	5	39	7,8
Vitor Mirhsauswka	1	64	9	56	6,2
Wagner Machado	1	80	6	6	1,0
Waldemar Blatkauskas	1	60	7	61	8,7
Waldemar Gonçalves (Coroa)	1	36	2	0	0,0
Waldyr Boccardo	1	60	2	2	1,0
Washington Joseph (Dodi)	1	72	9	68	7,6
Wilson Bombarda	1	56	2	2	1,0
Wlamir Marques	4	56 60 64 68	33	537	16,3
Zenny Azevedo (Algodão)	4	48 52 56 60	27	224	8,3

Os técnicos

Dez técnicos tiveram a oportunidade e a honra de dirigir a seleção brasileira masculina de basquetebol nos JO.

Renato Brito Cunha foi o técnico que mais dirigiu o Brasil. Isto aconteceu em três oportunidades: 1964, 1968 e 1984. Brito Cunha dirigiu a equipe em 25 jogos, obtendo 15 vitórias e 10 derrotas. Foi medalha de bronze em 1964, Tóquio, 4º lugar em 1968 e 9º em 1984.

Togo Renan Soares (Kanela), Ary Vidal e Ruben Magnano dirigiram o Brasil em dois JO cada um.

Kanela foi técnico em 1960 conseguindo a medalha de bronze com 6 vitórias e 2 derrotas e em 1972, obtendo 5 vitórias e 4 derrotas colocando o Brasil em 7º lugar. Ary Vidal foi técnico em 1988 e 1996, obtendo 8 vitórias e 8 derrotas. Em 1988 levou o Brasil ao 5º lugar e em 1996, ao 6º lugar. Ruben Magnano, único estrangeiro a dirigir o Brasil em JO foi campeão olímpico contra a Argentina em 2004. Dirigindo o Brasil Magnano obteve 7 vitórias e 4 derrotas nos Jogos de 2012, quando ficamos em 5º lugar e 2016 com a 9ª colocação.

Os demais técnicos com suas vitórias, derrotas e colocação foram os seguintes:

Arno Frank (1936) -1v 3d – 9º lugar

Moacyr Brondi Daiuto (1948) - 7v 1 d - 3º lugar

Manoel Pitanga (1952) - 4v 4d – 6º lugar

Mário Amâncio Duarte (1956) - 3v 4d – 6º lugar

Cláudio Mortari (1980) - 4v 3d – 5º lugar

José Medalha (1992) - 4v 4d – 5º lugar

A arbitragem brasileira

A arbitragem brasileira participa dos JO desde 1952 com o árbitro Porto. À exceção de 1956 e 1980 o Brasil teve representantes em todas as edições dos JO.

Renato Righetto foi o árbitro que mais atuou em edições dos JO. Atuou em 1960, 1964, 1968 e 1972, apitando as finais Eua x Urss em 1964, Eua x Iug em 1968 e na polêmica partida entre União Soviética e Estados Unidos, em 1972. Outros dois árbitros brasileiros também tiveram a oportunidade de estar em uma final olímpica: Antonio Carlos Affini, em 1988 (Urss x Iug) e Carlos Renato dos Santos, em 2000 (Eua x Fra) e 2004 (Arg x Ita).

A relação dos árbitros brasileiros que atuaram em JO é apresentada a seguir:

Antonio Carlos Affini – 1988 - 1992
Carlos Renato dos Santos - 2000 - 2004
Cristiano Maranho - 2008 – 2012 – 2016
Fátima Aparecida dos Santos - 2008
Geraldo Fontana - 1992
Guilherme Locatelli - 2016
José Augusto Piovesan - 1996
José Carlos Pelissari - 1996
Manoel Tavares - 1976
Marcos Benito - 2012
Nelson Dias - 1984
Porto - 1952
Renato Righetto - 1960 – 1964 – 1968 – 1972
Tatiana Steigerwald - 2004



Fatos Marcantes
e
Curiosidades

Os JO são um cenário marcante tanto no aspecto esportivo, quanto no cultural, social, político e econômico. Muitos são os fatos e curiosidades que ocorrem durante sua realização. E no basquetebol não poderia ser diferente. Relatar esses fatos é uma tarefa difícil pois depende da interpretação e até mesmo do enfoque que se dá à importância de cada um deles.

Aqui, em um exercício de memória, pesquisa e até de interesse pessoal são relatados cinquenta desses fatos e curiosidades. Mas nada que possa ser alterado ou acrescentado de acordo com cada um dos leitores.

Portanto, eu os convido a apreciar minha relação e, porque não, cada um dos leitores criar a sua própria.

Os fatos e curiosidades citados não obedecem, necessariamente uma ordem cronológica ou de importância

1. Em 1904, nos Jogos de Saint Louis o basquetebol entrou como esporte de demonstração. Cinco equipes norte-americanas participaram daquele que foi chamado de Campeonato Mundial Olímpico
2. A primeira partida oficial dos JO teve o “bola ao alto” executado pelo criador do basquetebol James Naismith. O jogo foi entre Estônia e França com vitória da Estônia por 34x29.
3. Em 1936 as partidas eram disputadas em quadras abertas, de cimento ou terra batida. As tabelas eram de madeira e muitas partidas foram realizadas embaixo de chuva. Depois de cada cesta a bola era levantada no centro da quadra.
4. Foi somente em 1952 que começou a haver um critério para classificação dos países para disputar os JO. Até então as equipes se inscreviam livremente ou eram convidadas. De 1952 a 1972 os JO eram disputados por 16 equipes. A partir de 1976 este número foi limitado a 12 equipes
5. Estados Unidos 19 x 8 Canadá foi o placar mais baixo na história das finais Olímpicas. O primeiro tempo terminou com o placar de 15x4 para os Estados Unidos. Como não havia tempo de posse de bola, os americanos seguraram o jogo para garantir a vitória. A final com o placar mais alto aconteceu em 2008 quando os Estados Unidos derrotaram a Espanha por 118x107

6. A maior diferença de um jogo final aconteceu em 1992 na vitória dos Estados Unidos sobre a Croácia – 117 x 85 (32 pontos de diferença)
7. Somente em uma edição dos JO não houve uma final. Foi em 1960. Foi realizado um quadrangular final com as equipes dos Estados Unidos, União Soviética, Brasil e Itália cujos confrontos diretos na fase classificatória foram levados em consideração
8. Na final olímpica de 1952 entre Estados Unidos e União Soviética houve um fato curioso: como não havia tempo de posse de bola, os soviéticos certos de sua inferioridade retinham a bola sem arremessar. Aos 10 minutos de jogo o placar mostrava 4 x 2 para os norte-americanos. Mas no segundo tempo a situação se inverteu. Com uma vantagem de mais de 10 pontos, os norte-americanos passaram a usar a mesma tática, segurando o jogo e assegurando a medalha de ouro. O resultado final foi 36 x 25
9. Os Estados Unidos estiveram presentes em 16 finais, obtendo 15 vitórias. A União Soviética esteve em 5 finais, obtendo 1 vitória
10. As partidas que mais se repetiram em finais foram: Estados Unidos x União Soviética: 4 vezes – 3 V EUA x 1V URSS; Estados Unidos x Espanha: 3 vezes – 3 V EUA; Estados Unidos x Iugoslávia: 3 vezes – 3 V EUA e Estados Unidos x França: 2 vezes – 2 V EUA
11. Apesar do predomínio norte-americano nos JO, nunca nenhum atleta foi cestinha da competição
12. Oscar Schmidt (Brasil) foi cestinha em três edições dos JO (1988, 1992 e 1996). Em 1988, Oscar foi cestinha com 42,3 pontos por partida, a maior média de todos os tempos. Pau Gasol (Espanha) foi cestinha por duas vezes (2004 e 2008)
13. A Austrália é o país com o maior número de cestinhas dos JO: Ed Palubinskas (1976), Ian Davies (1980), Andrew Gaze (2000) e Pat Mills (2012)
14. Países pouco tradicionais no cenário do basquetebol também tiveram os cestinhas dos Jogos Olímpicos: Mrzek (Tchecoslováquia – 1952), Ricardo Duarte (Peru – 1964), Peralta (Panamá – 1968), Taniguchi (Japão – 1972) e Mohamad (Egito – 1984)

15. A maior sequência de vitórias pertence aos Estados Unidos: foram 63 somando-se os Jogos de 1936, 1948, 1952, 1956, 1960, 1964, 1968 e 1972. A sequência foi interrompida no jogo final em 1972 contra a União Soviética (50x51)
16. Os Estados Unidos somam somente 5 derrotas em seus 143 jogos (aproveitamento de 93,6%). Três delas aconteceram nos JO de 2004. As equipes que venceram os Estados Unidos foram: União Soviética – 2 (1972 - 50x51; 1988 – 76 x 82); Argentina (2004 – 81 x 89); Lituânia (2004 – 90 x 94) e Porto Rico (2004 – 73 x 92)
17. Marrocos, Índia, Tailândia, Irlanda, Iraque, Tunísia e Turquia são os países que nunca venceram nos JO. Já o Egito é o país com o maior número de WOs dos JO: 8.
18. A primeira partida a ter contagem centenária aconteceu em 1948 entre Filipinas e Iraque. Vitória das Filipinas – 102x30
19. 158 partidas terminaram com contagem centenária na história dos JO. Os Estados Unidos venceram 52 partidas por 100 pontos ou mais. Seguem União Soviética – 17, Iugoslávia – 13, Austrália – 12, Brasil e Espanha – 11. Outros 17 países também venceram partidas por contagens centenárias.
20. Já entre os perdedores em partidas com contagem centenária temos 38 países. A China foi o país que mais perdeu – 15 jogos seguida de Brasil – 12, Japão – 10, Espanha, Egito e Austrália com 9 derrotas
21. A maior contagem centenária acumulada (238 pts) aconteceu no jogo entre Brasil 130 x 108 China, em 1988. Mas a maior contagem centenária de uma única equipe aconteceu em 2012 quando os Estados Unidos venceram a Nigéria por 156 x 73
22. 100 pontos foi a maior diferença em uma única partida. Isto aconteceu em duas oportunidades, ambas nos JO de 1948: China 125 x 25 Iraque e Coreia do Sul 120 x 20 Iraque
23. A melhor média de pontos acumulados aconteceu nos JO de 1976-177,0 pts/partida (88,5 pts por equipe). Lembrando que ainda não havia a bola de três pontos. A média de pontos acumulados nos primeiros JO com a regra de três pontos, em 1988, foi de 172,8 pts/

partida (86,4 pts por equipe) A média geral de pontos acumulados nas 19 edições dos JO é de 144,2 (72,1 pts por equipe)

24. Na história dos JO 30 partidas foram decididas na prorrogação: 7 em 1960; 4 em 1948; 3 em 1956; 2 em 1952, 1964, 1980 e 1996; 1; 1 em 1968, 1972, 1976, 1984, 1988, 2000, 2008 e 2016.
25. 26 países disputaram prorrogações. Os países que mais disputaram prorrogações foram: Uruguai (5 - 4v - 1d), Brasil (5 - 3 - 2), Espanha (4 - 4 - 0), Iugoslávia (4 - 3 - 1), França (4 - 2 - 2). Os demais países que disputaram prorrogações: Chile, Tchecoslováquia, Argentina, Canadá, Coreia do Sul, Filipinas, Bulgária, Porto Rico, Peru, Cuba, Hungria, Itália, Egito, México, Austrália, Alemanha, União Soviética, Lituânia, Croácia, Rússia e China.
26. 1992 foi o ano que marcou a estreia dos astros da NBA nos JO. Uma equipe formada pelos melhores atletas da NBA foi denominada “Dream Team”. Esta equipe fabulosa “passeou” pelas quadras de Barcelona, derrotando todos os adversários por contagem centenária e por uma diferença média de 43,8 pontos
27. Muito antes do “dream team” os Estados Unidos sempre tiveram jogadores que seriam expoentes na NBA: Bill Russel, Jo Jo White, Tom Henderson, Doug Collins, Spencer Haywood, Charles Smith, Oscar Robertson, Jerry Lucas, Jerry West, Bill Bradley, Adrian Dantley, entre outros
28. Os maiores medalhistas do basquetebol olímpico são os americanos Carmelo Anthony e LeBron James. Ambos obtiveram 3 medalhas de ouro (2008, 2012 e 2016) e uma medalha de bronze (2004)
29. Entre os técnicos o maior ganhador de medalhas é o soviético Alexandre Gomelski. Ele obteve 4 medalhas, sendo 1 de ouro, 1 de prata e 2 de bronze. Mike Krzyzewsky (Eua) obteve 3 medalhas, todas de ouro. Hank Iba (Eua) – 3 (2O; 1P); Mirko Novosel (Iug) – 2 (1P; 1B) e Sérgio Scariolo (Esp) – 2 (2P) são os outros técnicos que obtiveram duas medalhas ou mais nos JO
30. O astro argentino Manu Ginobili fez sua última partida na seleção Argentina no dia 17 de agosto de 2016. Sua equipe foi derrotada pelos Estados Unidos por 105 x 78 na fase de quartas de final. Neste jogo

Ginobili jogou 26 minutos, anotou 14 pontos, 3 rebotes e 7 assistências. Ao final do jogo todos os atletas formaram uma fila para cumprimentar Ginobili que levou como recordação a bola do jogo. O público presente à Arena Carioca 1 aplaudiu de pé o astro argentino

31. Nos JO de 2016 uma suspeita de bomba na Arena Carioca 1 fez com que a partida Espanha x Nigéria tivesse seu início sem a presença do público que esperava do lado de fora pela liberação do ginásio
32. Em função das modificações políticas e geográficas ocorridas no mundo, no decorrer dos JO alguns atletas disputaram a competição por países diferentes. Os casos mais famosos foram: Sabonis e Kurtinaitis jogaram em 1988 pela União Soviética e em 1992 e 1996 pela Lituânia. Drazen Petrovic jogou pela Iugoslávia em 1984 e 1988 e pela Croácia em 1992. Toni Kukoc em 1988 atuou pela Iugoslávia e em 92 pela Croácia. Dino Radja em 1988 jogou pela Iugoslávia e em 1992 e 1996 pela Croácia
33. A arbitragem brasileira também é destaque nos JO. Além de Renato Righeto que apitou 3 finais olímpicas em 1964, 1968 e a polêmica final de 1972 entre União Soviética e Estados Unidos, outros dois árbitros tiveram a oportunidade de apitar finais olímpicas: Antonio Carlos Affini em 1988 (União Soviética x Iugoslávia) e Carlos Renato dos Santos em 2000 (Estados Unidos x França) e em 2004 (Argentina x Itália).
34. Também vale destacar o árbitro Gustavo Mathias que apitou as partidas de basquetebol em cadeira de rodas nos JO do Rio de Janeiro, Geraldo Fontana, comissário da FIBA e Fátima Aparecida dos Santos árbitra em 2004 coordenadora nacional de arbitragem nos JO de 2016
35. O primeiro técnico a dirigir uma seleção brasileira em JO foi Arno Frank e Renato Brito Cunha foi o técnico que mais dirigiu o Brasil em JO: 3 edições (1964, 1968 e 1984), 25 jogos, 15 vitórias, uma medalha de bronze (1964), 4º lugar em 1968 e 9º lugar em 1984
36. Em 1948 a equipe brasileira levou 48 horas para chegar a Londres, teve dificuldades para realizar treinamentos e enfrentou diversas contusões. Mesmo assim, sob o comando de Moacyr Daiuto, obtivemos a medalha de bronze. A primeira em esportes coletivos do nosso país
37. Oscar é o maior pontuador dos JO em todos os tempos. Ele anotou 1093 pontos em 38 jogos – média de 28,8 pts/partida. Oscar também

é o detentor da melhor média de pontos nos JO. Em 1988 ele anotou 338 pontos em 8 jogos – média de 42,2 pts/partida

38. Os cinco maiores cestinhos brasileiros nos JO são: Oscar – 1093 pts; Wlamir Marques – 537 pts; Marcel – 377 pts; Ubiratan – 356 e Marquinhos Abdalah – 328.
39. Pela média de pontos os cinco maiores cestinhos brasileiros são: Oscar – 28,8 pts; Wlamir Marques – 16,3 pts; Paulinho Villas Boas – 14,5; Marquinhos Abdalah – 14,3 e Leandrinho - 14,2
40. Nossos maiores “fregueses” em JO são a Tchecoslováquia (5v – 0d) e Porto Rico (5v – 1d). No entanto nunca vencemos os Estados Unidos (0v – 9d) e contra a União Soviética tivemos somente 1 vitória em 9 jogos
41. Talvez a derrota mais inesperada do Brasil nos JO aconteceu em 1964, logo na estreia. Perdemos do Peru – 58 x 50. Depois veio a recuperação até chegarmos à terceira medalha de bronze
42. O menor números de pontos que nossa seleção converteu foi na derrota para o Canadá, em 1936 (17 x 24). Já o maior aconteceu em 1988 na vitória contra o Egito (138 x 85)
43. A maior diferença em uma vitória brasileira aconteceu em 1980 – Brasil 137 x 64 Índia (73 pts). E a maior diferença em uma derrota foi em 1956 – Brasil 51 x 113 Estados Unidos (62 pontos)
44. Cinco jogos do Brasil foram para a prorrogação: 1948 – Brasil 45 x 41 Hungria (39 x 39); 1960 – Brasil 80 x 72 México (61 x 61); 1960 – Brasil 78 x 75 Itália (70 x 70); 1996 – Brasil 101 x 109 Austrália (82 x 82; 92 x 92); 2016 – Brasil 107 x 111 Argentina (85 x 85; 95 x 95)
45. O jogo Brasil x Argentina, em 2016, foi um dos mais emocionantes da história dos JO. O Brasil teve a oportunidade de liquidar o jogo tanto no tempo normal, quanto na primeira prorrogação. Mas uma atuação fantástica de dois atletas argentinos não permitiu que nossa seleção saísse vitoriosa. Andreas Nocioni em uma noite inspiradíssima anotou 37 pontos, convertendo 8 bolas de três pontos e Facundo Campazzo

com 33 pontos e 11 assistências. Nenê foi o destaque brasileiro com 24 pontos e 11 rebotes.

46. No dia 2 de agosto de 1996, Oscar Schimdt despediu-se da Seleção Brasileira na disputa do 5º lugar contra a Grécia. O Brasil foi derrotado por 91 x 72 e Oscar marcou 21 pontos.
47. Uma das maiores duplas do basquetebol mundial, Wlamir Marques e Amaury Pasos estrearam juntos nos JO. Foi em Melbourne em 1956. Juntos também conquistaram a medalha de bronze em 1960 e 1964.
48. Clube dos 20. Dezesseis atletas brasileiros participaram de 20 jogos ou mais na história dos JO. Oscar é o recordista com 38 jogos, seguido por Wlamir Marques com 33. Os demais são: Mosquito e Marcel – 29; Algodão e Ubiratan – 27; Sucar e Rosa Branca – 25; Edson Bispo – 24; Adilson, Amaury, Gerson, Israel, Pipoka e Marquinhos – 23; Cadum – 21
49. Os atletas brasileiros que mais atuaram juntos em JO foram Oscar, Marcel e Cadum. Eles participaram dos JO de 1980, 1984, 1988 e 1992. Depois deles estiveram Wlamir, Amaury e Edson Bispo em 1956, 1960 e 1964 e Wlamir, Mosquito, Rosa Branca e Sucar 1960, 1964 e 1968.
50. Para os JO de 2020, em Tóquio, o sistema de classificação será bastante modificado. Também se estuda o aumento do número de vagas de 12 para 16 equipes



- Cardoso, M. Os arquivos das Olimpíadas. São Paulo: Panda Books, 2000.
- Carmona, L. e col. Brasileiros Olímpicos. São Paulo: Panda, 2000.
- Comitê Olímpico Brasileiro. Sonhos e conquistas: o Brasil nos Jogos Olímpicos do século XX. Rio de Janeiro: COB, 2004.
- Cruz, A., Algarra, M.A. Los records del basket. Madrid, Biblioteca Samaranch, 1997.
- De Rose Jr., D. Campeonato Mundial de basquetebol masculino: história em números. www.efdeportes.com, Revista Digital: lecturas em educación física, 9, 67, 2003.
- De Rose Junior, D. O centenário de Moacyr Brondi Daiuto. São Paulo: ACM, 2015.
- Escamilha, P. História del Baloncesto Olímpico: St Louis 1904 – Barcelona - 1992. Madrid: Biblioteca Samaranch, s/d.
- FIBA. International Basketball results. Munich: FIBA, 1982
- FIBA. 1930-2001: Basketball results. Germany: International Basketball Federation, 2003.
- Kessous, M. 100 histórias dos Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: edições de Janeiro, 2016.
- Litvin, A. 1000 curiosidades olímpicas que todo recordista deveria saber. São Paulo: Vergara e Ribas, 2016.
- Malveira, A. Wlamir Marques: o diabo Loiro. São Paulo: Panda Books, 2013
- Menon, L.C. Cesta! Superação e conquistas de um atleta olímpico. São Paulo: Maquinária, 2014.
- Nicolini, H. Moacyr Brondi Daiuto: cátedra e quadra. São Paulo: Phorte, 2006.
- Stauth, C. The Golden Boys. N.York: Pocket Books, 1993.
- Williams, D. Great moments in olympic basketball. Minneapolis, Abdo Publishing, 2015.
- Zamora, P. A era Kanela. Rio de Janeiro: Shogun, 1984.

Sites

www.fiba.com

www.vivaobasquetebol.wordpress.com

<http://archive.fiba.com/?d=1>

www.cbb.com.br

www.cob.org.br

<https://www.olympic.org/the-ioc>

<http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/>



Sobre o Autor

Amante do Basquetebol desde os 10 anos de idade quando começou a praticar a modalidade, em 1972 ingressou na Escola de Educação Física da USP com o objetivo de ser técnico de basquetebol.

Exerceu a profissão a partir de 1974 quando atuou na Associação Brasileira “A Hebraica”. Depois vieram o Clube Tamoio de São Caetano do Sul, Sociedade Esportiva Palmeiras, Esporte Clube Pinheiros, Colégio Santo Américo, Clube Atlético Monte Líbano e Clube Payneiras do Morumbi.

Em 1977, paralelamente às atividades de quadra, abraçou a carreira acadêmica como docente atuando na Escola Superior de Educação Física de Jundiaí, FEFISA de Santo André, FEC de São Caetano do Sul e Escola de Educação Física da USP onde permaneceu até 2006 ministrando as disciplinas Basquetebol, Psicologia do Esporte e Pedagogia do Esporte (nos cursos de Graduação) e Esporte e Atividade Física na Infância e Adolescência (no curso de Pós-Graduação).

Em 1985 concluiu o curso de Mestrado em Educação Física pela Escola de Educação Física da USP e, em 1996, doutorou-se em Psicologia Social e do Trabalho pelo Instituto de Psicologia da USP.

Em 1999 obteve o título de Livre Docência e em 2003 tornou-se Professor Titular da Escola de Educação Física da USP.

Em 2005 assumiu a Coordenação do curso de Ciências da Atividade Física da recém-criada Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP da qual tornou-se Diretor em 2006 exercendo a função até 2010. Na EACH aposentou-se em 2012.

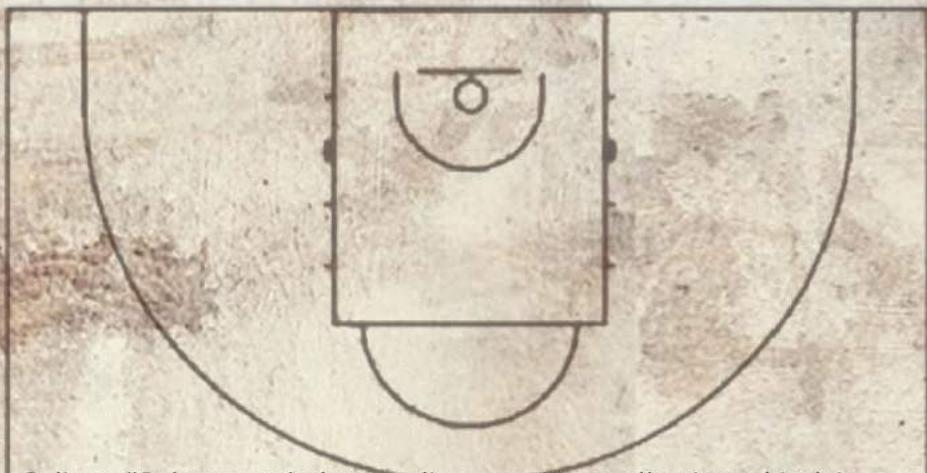
Além das atividades acadêmicas participou e ainda atua em diversos eventos nacionais e internacionais destacando-se congressos, clínicas, palestras em encontros de basquetebol. Também foi um dos responsáveis pela implantação da estatística em campeonatos de basquetebol no Estado de São Paulo, no Brasil e em diferentes campeonatos internacionais:

É autor e co-autor dos seguintes livros:

- Educação Física da Pré-Escola à Universidade – EPU – 1980
- Basquetebol técnicas e táticas: uma abordagem didático- pedagógica – EPU/ EDUSP (1987/2003/2010)
- Basquetebol: uma visão integrada entre ciência e prática – Manole (2004)
- Esporte e atividade física na infância e adolescência – Artmed (2005/2009)
- Modalidades esportivas coletivas – Guanabara Koogan (2006)
- Minibasquetebol na Escola – Ícone (2015)
- Também é autor de vários capítulos de livros e responsável pelo blog Viva o Basquetebol – www.vivaobasquetebol.blog

- Atualmente é membro e sócio fundador da Rede Internacional de Basquetebol Educativo (RIBE), responsável pelo núcleo de São Paulo e consultor do programa “Hebraica dos 2 aos 20” da Associação Brasileira “A Hebraica” de São Paulo.





O livro “O basquetebol masculino nos jogos olímpicos: história e a participação do Brasil” é uma viagem pelo mundo olímpico, trazendo resultados, histórias, curiosidades, além de uma detalhada abordagem sobre a participação do Brasil.

O livro tem o objetivo de resgatar essa rica história do basquetebol masculino na maior competição esportiva do mundo, oferecendo aos leitores uma oportunidade de reviver grandes jogos, grandes atletas, técnicos e árbitros.

Os leitores poderão se divertir ao ler esta obra e curtam o que há de melhor no basquetebol olímpico.

“Quando o meio esportivo brasileiro reclama da falta de memória do desporto nacional, eis aqui, para nosso deleite, uma obra completa, digna de total credibilidade, confiança e fé.” – Wlamir Marques

